

Economia *de* Comunhão

uma cultura nova

ECONOMIA DI COMUNIONE

• UNA CULTURA NUOVA

Anno XII • n.25 • Dicembre

2006 • Periodico quadri-

mestrale culturale. Una

copla euro 4 • Autorizza-

zione del Tribunale Civile

di Roma n.83 del 18-2-95 •

Spedizione in abbonamen-

to postale 45% art.2

comma 20/b legge 662/96

- Padova

Editore: Città Nuova

Editrice della P.A.M.O.M.

Direttore responsabile:

Alberto Ferrucci

Direzione e

Amministrazione:

via degli Scipioni, 265 •

00192 Roma

Stampa:

Grafiche Fassicomo

Coop. Sociale a.r.l.

via Imperiale, 41

16143 Genova



25



25/06

**Economia di Comunione
una cultura nuova**
Anno XII • n.25 • Dicembre 2006
Periodico quadrimestrale culturale.
Una copia 4 euro

Editore:
Città Nuova Editrice della P.A.M.O.M.

Direttore responsabile:
Alberto Ferrucci
fax: 010/581451

Direzione e Amministrazione:
via degli Scipioni, 265
00192 Roma
tel. 06/3216212

Redazione:
Umanità Nuova
via Valle della Noce, 16/6
00046 Grottaferrata (Roma)

Stampa:
Grafiche Fassicom
Coop. Sociale a r.l.
via Imperiale, 41
16143 Genova
e-mail: grafiche.fassicom@tin.it

Servizio abbonati:
tel. 06/3216212
fax 06/3207185
e-mail: abbonamenti@cittanuova.it

Autorizzazione del Tribunale Civile di Roma
n.83 del 18-2-95
Spedizione in abbonamento postale 45%
art.2 comma 20/b legge 662/96 - Padova

INDICE

3 «Uma escolha para todos», ainda atual
Alberto Ferrucci

4 O Paraíso na terra de François
Isaline Dutru

5 Para a inauguração do Pólo Lionello
Chiara Lubich

6 A fraternidade é possível
no âmbito econômico?
Vera Araujo

7 Uma economia de reciprocidade
como resposta séria à miséria
Luigino Bruni

8 A inauguração do
Pólo Lionello Bonfanti
E. Gullo e A. Frassinetti

12 Os novos caminhos do
desenvolvimento econômico
Stefano Zamagni

14 Um Fórum sobre a EdC no Jornal
Toscana Hoje
Renato Burigana

15 Uma experiência positiva e,
espera-se, contagiosa
Piero Tani

16 Cartas do mundo
Carla Bozzani

17 Yunus: as lições de um prêmio
Benedetto Gui

18 Micro crédito nas Filipinas
Leo Andringa

19 Koinonia no Banco Kabayan
Francis e Teresa Ganzon

21 O novo site das teses:
instruções para uso
Antonella Ferrucci

Dez novas tesas
Antonella Ferrucci

26 EdC tra America Latina ed Italia
Armando Tortelli

27 Cartas ao diretor
Alberto Ferrucci

«UMA ESCOLHA PARA TODOS», AINDA ATUAL

Alberto Ferrucci

Quando estava para concluir o número 25 deste noticiário tomei nas mãos o número 1, impresso em outubro de 1994, com 16 páginas e uma veste gráfica bastante caseira: os textos não podem mais ser lidos no computador, mas o seu conteúdo ainda é extremamente atual.

A síntese está na mensagem de Chiara, de 1991: «Ao contrário da economia consumista, baseada na cultura do ter, a economia de comunhão é a cultura do dar. Isto pode parecer difícil, árduo, heróico, mas não é assim, porque o homem, feito à imagem de Deus, que é Amor, encontra justamente no amor, no dar, a sua realização.

Esta exigência encontra-se no profundo do seu ser, quer ele creia quer não.

E nesta constatação, confirmada pela nossa experiência, encontra-se a esperança de uma difusão universal da economia de comunhão».

Foi publicado um artigo de Vera Araújo sobre a «cultura do dar»; notícias das sociedades anônimas do pólo Spartaco, no Brasil, e Solidariedade, na Argentina, que estavam iniciando; experiências sobre o amor de Deus, de pessoas que tinham sido ajudadas, lá onde o projeto tinha nascido de imediato. Aquele número trazia ainda a história da empresa filipina Ancilla, criada por Tita Puangco, depois de ter deixado um cargo importante em um banco, e dois artigos de Benedetto Gui, um dos quais com orientações aos estudantes para as teses sobre o projeto.

E, enfim, o editorial, no qual o projeto era apresentado como «uma escolha possível para todos». Reli com atenção, e uma certa emoção, e pensei que seria útil transcrevê-lo na íntegra:

«Impelida pelo Espírito Santo e pela generosidade de um povo, que permaneceu intacta ante as agressões de um sistema no qual convivem extrema pobreza e imensa riqueza, três anos atrás, no Brasil, Chiara sentiu que o momento histórico estava maduro – no limiar do terceiro milênio – para o lançamento de uma economia capaz de superar as contradições do presente e orientar os homens e os povos ao mundo unido: a Economia de Comunhão na Liberdade. Uma proposta totalmente evangélica, já vivida pela primeira comunidade de Trento, sob os bombardeios. Porém, parecia aplicável apenas nas Mariápolis permanentes e nos foculares, por pessoas que decidiram deixar os bens, a profissão, a família e os talentos por Deus.

Agora, Chiara abre as portas dessa experiência de vida a todas as pessoas que se sentem chamadas a testemunhar o Ideal com a própria presença atuante na sociedade.

Um caminho de santidade para todos, uma vida fun-

damentada não mais numa ideologia, mas na aplicação de valores que se encontram na base da família natural, em qualquer parte do mundo, a toda a família humana. É a alegria de partilhar, de dar – como podemos experimentar na nossa família natural – é o impulso a se preocupar com os mais fracos, sem medir esforços, que torna as pessoas felizes, pois responde às mais profundas exigências da alma humana. Este convite à comunhão, este “encontro marcado com Deus na história”, não pode ficar sem resposta.

É um convite à pessoa, convite que espera uma resposta livre e que coloca à prova a vontade de corresponder ao Ideal da unidade, partindo das condições humanas em que cada um de nós se encontra.

Para poder realizar uma verdadeira comunhão dos talentos e dos bens materiais é preciso que antes de tudo nos tornemos “um só coração e uma só alma”, como os primeiros cristãos.

A natureza humana não é suficiente para nos impelir à comunhão em âmbitos tão vastos. Somente aquele “clima de heroísmo e de extrema generosidade” que nasce de Jesus presente entre nós pode nos levar a viver a partilha com todos os que vivem este Ideal, seja com quem tem necessidades materiais seja com quem está dando a vida para divulgar essa nova cultura.

Estas páginas têm a intenção de nos ajudar a aprofundar pelo menos alguns aspectos do desenvolvimento da Economia de Comunhão no mundo, e a conhecer mais de perto as necessidades dos irmãos, para que realmente não exista mais nenhum indigente entre nós. Por meio deste noticiário, gostaríamos também de nos enriquecer com essas experiências, novos caminhos percorridos para o benefício de todos.

Este é o primeiro objetivo e a condição necessária para poder dar ao mundo a prova da viabilidade concreta de uma nova economia para o homem».

Passados 12 anos, festejamos hoje, com as instituições públicas e em diálogo com a cultura contemporânea, o nascimento do Pólo Lionello Bonfanti – ao lado da Mariápolis de Loppiano –, graças aos seus 5600 sócios. E, nas proximidades de outras «cidades novas», outros cinco começam a crescer.

Alguns dos pioneiros do projeto já terminaram a sua «santa viagem», focolarinas como Ginetta Calliari e Lia Brunet, e empresários como, ultimamente, François Neveux, que não deixou como herança apenas uma empresa produtiva no Pólo Spartaco, mas, sobretudo, um capital moral e um rastro de luz espiritual, que não deixa nada a desejar daquele dos monges mais santos.

Pedindo aos nossos amigos que, do Céu, continuem a nos sustentar, parece-me que ainda podemos assinar a escolha que aquele editorial propõe.



O PARAÍSO NA TERRA DE FRANÇOIS

Isaline Dutru

Durante toda a vida François perseguiu uma urgência: realizar o paraíso na terra. Quando entrou no mundo do trabalho, como jovem engenheiro empregado numa fábrica, inventou uma nova tecnologia para a depuração da água. Depois de dois anos, diante das injustiças com as quais se deparou trabalhando para outros, decidiu fundar sozinho, sem financiamentos bancários, uma empresa própria, no mesmo setor, a fim de «criar riqueza para os outros». Quando se lançou nesse desafio François ainda não possuía a fé. Françoise, que se tornara sua esposa, por sua vez, tinha sempre sonhado conduzir o marido à fé, para poder ajudar os povos do terceiro mundo. Na empresa Neveux o clima é fora do comum: cada problema é resolvido com o diálogo e a confiança, sem a necessidade de sindicatos e greves. François procurava valorizar cada empregado, retribuindo com um salário 30% superior ao do mercado.

Em pouco tempo ele reuniu um capital considerável e fundou uma segunda empresa, onde podia realizar suas invenções, construindo equipamentos para a depuração da água. Tudo parecia correr bem até que uma ameaça de enfarte levou François a encontrar-se face a face consigo mesmo, e com Deus. A partir daquele momento o empresário adquiriu uma energia incansável: «Somos nós que devemos construir o paraíso. Deus é impaciente! Devemos escalar e ultrapassar as montanhas!».

Depois de dois anos François encontrou o Movimento dos Focolares e empenhou-se imediatamente, com a certeza que Deus o esperava ali. Era o seu sonho que se realizava!

Ele, então, abriu uma terceira empresa, muito especial. Por isso, sua esposa sugeriu um nome maravilhoso: «Cêntuplo», que emprega ex-dependentes químicos e outras pessoas marginalizadas da sociedade, fabricando caiaques, pranchas de surf e brinquedos. É o início de seu «paraíso na terra».

François tornou-se ainda presidente da associação «Ajuda Católica»



François Neveux

da cidade de Agen, onde pôde se encontrar com os mais miseráveis, muitos dos quais, aos poucos, foram acolhidos pela família Neveux. Ele era sempre fervoroso, na eferescência do pensamento criativo. Um inventor nato, François enxergava as soluções para os vários problemas da depuração da água, chegando a registrar mais de 35 patentes que, como dizia um concorrente com quem manteve sempre uma relação de estima, «foram copiadas, mas nunca iguais». Reconhecendo o seu talento, a Comissão Europeia das Normativas o convidou a participar, como especialista, das reuniões para a definição das leis específicas europeias para a depuração e desinfecção das águas. Nestas ocasiões, juntamente com Françoise, procuravam manter sempre um ambiente de amor recíproco entre todos, seja nos grupos de trabalho seja no «grupo das senhoras» que atua paralelamente. Desta forma a atmosfera nesses encontros se transformava.

Em 29 de maio de 1991, dia em que François completou 56 anos, Chiara Lubich lançou o grande projeto da Economia de Comunhão na liberdade. Imediatamente, François viu nele a resposta que sempre havia esperado, e escreveu a Chiara: «Estou profundamente convencido de que a Economia de Comunhão é o único caminho que tornará possível um futuro sustentável, um futuro normal. É preciso agir com prontidão, velocidade, sem medo de errar. Costuma-se dizer que Deus é paciente, eu, ao contrário, creio que nós é que somos lentos, mas Ele nos espera com paciência. Eu idealizei uma tecnologia muito simples, que vale ouro.

Chiara, considere-se sua proprietária: com ela podemos obter muitos lucros. Sem tardar devemos fundar uma multinacional do amor...».

Convidado por Alberto Ferrucci para um congresso da EdC no Brasil, em junho de 1995, François lançou-se logo nessa aventura dando início à Rotogine, uma empresa que pode utilizar gratuitamente as suas técnicas de produção de grandes equipamentos de material plástico, caixas d'água, fossas sépticas e brinquedos para parques infantis. Em dez anos François fez dez viagens da França para o Brasil, a fim de formar operários e engenheiros. Abraçando a cruz, superou muitas dificuldades técnicas, ligadas à organização da empresa e à comercialização interna no mercado brasileiro.

No dia 12 de abril de 2006, véspera da Páscoa, fortes dores no estômago o levaram ao hospital, onde recebeu o diagnóstico de um câncer no cólon. Imediatamente, François ofereceu a Deus essa doença, pela Economia de Comunhão. E escreveu: «De alguma forma esse sofrimento trará grandes benefícios para a Economia de Comunhão. Era preciso que eu participasse com o meu corpo, como Cristo, pelo desenvolvimento desse projeto, que o mundo inteiro admira, mas que poucos colocam em prática. O fato de sofrer pessoalmente para mim é uma passagem obrigatória».

A Editora Nouvelle Cité, considerando François o primeiro empresário da EdC, na França, ainda em 2005 havia pedido que ele colaborasse na publicação de um livro sobre o seu itinerário profissional. Quando percebeu que não poderia mais fazer viagens e que a sua «partida» estava próxima, ele assumiu com grande empenho esta missão, que sentiu como a sua última contribuição para o projeto EdC. A publicação do livro está prevista para o mês de setembro de 2007.

No dia 26 de agosto de 2006 François concluiu a sua Santa Viagem, tendo deixado abertos horizontes impensáveis para quem possui a paixão de empreender.



PARA A INAUGURAÇÃO DO PÓLO LIONELLO

Chiara
Lubich

Caríssimos empresários, autoridades civis e religiosas, e todos os participantes deste importante momento.

Chegamos à esperada inauguração do “Pólo Lionello”, uma das expressões essenciais da Economia de Comunhão, florescida – certamente por uma inspiração de Deus – daquele ideal de unidade, de comunhão e de fraternidade universal que constitui o objetivo pelo qual nasceu o Movimento dos Focolares.

O meu vivo agradecimento àqueles que, de maneiras diferentes, tornaram possível a sua realização e, especialmente, aos empresários que tiveram a coragem de investir nele os seus melhores recursos.

Os meus votos são de que as empresas já presentes, e aquelas que desejarem unir-se ao Pólo Lionello, sejam um testemunho vivo de unidade, e uma resposta concreta aos problemas econômicos da atualidade, por meio da realização de uma economia nova, baseada na partilha dos bens e no amor aos pobres.

Pediram-me, e eu escolhi, um lema para o Pólo: Deus opera sempre.

E isto para nos recordar o valor que Deus dá ao trabalho, ao engenho criativo peculiar do homem. Mas estas nossas capacidades construirão eficazmente e serão portadoras de alegria se seguirem o projeto de Deus. Portanto, vão adiante, caros empresários, para descobrir o seu desígnio e o seu anseio. Jesus, que estará entre vocês pelo amor recíproco, os ajudará a vê-lo com clareza. O fato de que o Pólo surgiu ao lado da Mariápolis de Loppiano já insere-se neste projeto de Deus, que o vê como parte constitutiva da Mariápolis, chamada a ser o esboço de uma sociedade nova, alicerçada no Evangelho.

Que cada visitante do Pólo Lionello possa ver realizado o que se dizia da Igreja primitiva: “A multidão... tinha um só coração e uma só alma... tudo entre eles era em comum... e não havia nenhum indigente” (cfr. At, 4, 32-34).

Maria, a Theotokos, nos abençoe.

*Com as minhas mais cordiais saudações,
Chiara Lubich*

28 de outubro de 2006



A FRATERNIDADE É POSSÍVEL NO ÂMBITO ECONÔMICO?

Vera
Araújo

A palavra fraternidade certamente suscita em nós reações muito diferentes. Reações positivas se ela é usada no contexto dos relacionamentos familiares, onde é percebida como sinônimo de apoio, de calor afetivo. Reações que tocam a perplexidade se a fraternidade se insere no âmbito público. E, enfim, reações de incredulidade se é colocada no complexo mundo da economia.

O princípio de fraternidade tem uma conotação religioso-moral e uma leiga-natural.

Em todas as grandes religiões – com diferentes teores e nos mais vários contextos – a fraternidade está presente como objetivo no relacionamento entre os seres humanos, como elemento capaz de edificar uma convivência sã e pacífica.

Mas é com o cristianismo que ela assume uma validade universal. Supera os liames de sangue e de amizade para fundar a própria convivência humana.

Na modernidade, a fraternidade emerge na sua validade leiga como categoria social e política no trinômio da revolução francesa: liberdade, igualdade, fraternidade. Mas logo o terceiro elemento do trinômio foi esquecido. Hoje volta-se a dar valor a ele, e isso porque a fraternidade é a plenitude da reciprocidade que, por sua vez, nos dá a chave de leitura para uma maior compreensão da igualdade e da liberdade.

Os nossos tempos exigem a fraternidade compreendida não apenas como comportamento virtuoso, ético, mas como categoria conceitual, como paradigma científico capaz de sustentar o discurso cultural e oferecer novas possibilidades de compreensão e orientação para a transformação da ordem social.

Em economia existem alguns pontos cruciais que necessitam ser revistos a partir da perspectiva do princípio de fraternidade.



Um desses pontos é o *mercado*. De espaço de troca de bens e serviços e de elemento de construção de relações sociais positivas, o *mercado*, aos poucos, tornou-se uma espécie de poder em si mesmo, capaz de influenciar, de modo determinante, em outras dimensões da vida. O mercado está impondo os *seus critérios de julgamento*, a *sua cultura*, os *seus valores*, os *seus métodos*, às populações, aos Estados, às instituições internacionais.

Sobre esse ponto o princípio de fraternidade pode oferecer as bases de uma nova cultura. Este é um processo já em andamento. Como se sabe, está nascendo uma *cultura da partilha*, que se apresenta como um elemento portador de esperança para o crescimento da humanidade, seja pessoal que socialmente.

Outro ponto determinante é a *racionalidade econômica*. Baseada nessa racionalidade a idéia que orienta o agir econômico é o próprio interesse. A história está demonstrando o quanto tudo o que se construiu e cresceu ao redor dessa matéria pode ser enganoso. Como uma sociedade que se baseia, em última análise, sobre um individualismo radical pode se sustentar?

Nesta perspectiva o princípio de fraternidade pode oferecer, antes de tudo, uma antropologia que respeita todas as dimensões do homem, e, sobre esta base, fazer com que o agir econômico encontre motivações que respeitem a dignidade

da pessoa humana; pode gerar uma racionalidade baseada sobre a abertura ao outro, a confiança, a justiça e a honestidade. Um terceiro ponto crucial é o da *empresa*. Impelida pelo estímulo de maximizar os próprios lucros (segundo um pensamento teórico que nunca se extinguiu) mas, também, de abrir-se a novas responsabilidades sociais e éticas, a empresa precisa de princípios fortes para realizar a sua vocação natural de produzir bens e serviços, comercializar, criar trabalho, inovar... Mas o princípio de fraternidade poderá levá-la a realizar a sua missão mais importante: ser, antes de qualquer coisa, uma comunidade de pessoas. Uma comunidade que, em seu íntimo, vive relações autênticas e profundas, com a capacidade de transbordá-las fora de si.

De certa forma é o que se está realizando no âmbito da Economia de Comunhão.

Nas empresas da EdC a fraternidade vitaliza as relações econômicas e os dinamismos estruturais e dá significado às relações dentro e fora da empresa. Nos últimos anos, no âmbito deste projeto, houve um forte incentivo para que nascessem «pólos industriais» onde a fraternidade é vivida entre empresas e dá visibilidade ao projeto na sua totalidade. O objetivo desses pólos é que as empresas sejam vistas, materialmente, mas especialmente que se veja o que está por baixo do projeto: o sentido de família, o amor, a unidade, a comunhão, isto é, a fraternidade realizada, inclusive, no âmbito das estruturas econômicas.

Qualquer pessoa que visite um pólo EdC ouvirá falar de economia, mas, por trás desta palavra, encontrará uma inusitada dimensão espiritual, um compromisso de viver plenamente as exigências do amor evangélico e de gerar a autêntica fraternidade.

UMA ECONOMIA DE RECIPROCIDADE COMO RESPOSTA SÉRIA À MISÉRIA

Luigino
Bruni

A história do capitalismo é a história de grandes sucessos (riqueza, tecnologia, desenvolvimento econômico...), mas é também a história de grandes críticas à sua resposta insuficiente ao tema da igualdade e, sobretudo, ao da pobreza. A globalização acentuou seja os sucessos que as críticas e, se o capitalismo dos próximos anos não der uma resposta, séria e duradoura, ao escândalo de milhões de pessoas que morrem de fome por causa da indigência, e ao outro milhão que morre pela opulência, logo o movimento pela responsabilidade social da empresa (CSR), a ética dos negócios, o “capitalismo com o rosto humano”, cairão no esquecimento histórico, uma lajota a mais no assoalho das boas intenções.

Até agora as soluções propostas pelo capitalismo ao drama da miséria não foram suficientes. É necessário algo a mais, algo diferente.

O drama da pobreza, que muitas pessoas sofrem, não será aliviado – e quem dera resolvido – até quando muitos não souberem tornar-se livremente pobres para liberar outros. A pobreza é uma relação e não se resolve sem reciprocidade, sem comunhão.

A Economia de Comunhão (EdC) procura, há 15 anos, enfrentar com seriedade o tema da pobreza, e faz isso criando empresas que colocam em comum os lucros que produzem: um terço fica na empresa e dois terços são doados para projetos de desenvolvimento e para formação cultural.

Para quem deseja comprometer-se por um mundo mais justo e fraterno, a inauguração do Pólo Lionello Bonfanti – o pólo italiano da EdC, em Loppiano, próximo a Florença, com as 15 empresas que atuam nele – deve ser recebida com grande alegria. Por quê?

Antes de tudo o pólo exprime uma economia popular e fraterna. Sem uma economia popular e fraterna os discursos sobre a pobreza dos

outros são retórica. O proprietário do Pólo é uma comunidade (quase seis mil pessoas, na Itália) que acredita e assume como próprio este modo de fazer economia.

Na EdC não temos o grande filantropo (Bill Gates), nem o empreendedor humanitário (Adriano Olivetti), que suscita uma economia social, mas um povo, composto por trabalhadores, estudantes, estudiosos, donas de casa, aposentados, empresários, que exprime a sua visão da vida, colocando em risco a própria poupança e o próprio tempo em vista de uma economia mais justa e solidária. Um slogan que Chiara Lubich usou no lançamento da EdC foi: “Somos pobres, mas muitos”.

Além disso, o Pólo recorda que a cultura, o território e a proximidade são dimensões importantes e fundamentais, inclusive na era da globalização e do tele-trabalho.

Este pólo nos faz retornar à cultura dos distritos industriais que, não por acaso, tiveram uma longa e feliz tradição justamente nesta região Toscana. Evidentemente são distritos industriais originais e diferentes dos tradicionais, mas, assim como o Pólo, os distritos sublinham que o capital mais precioso para a empresa é o capital relacional e civil, que se cria entre as empresas, entre as empresas e o território e a sua cultura tácita.

Neste sentido o Pólo será mais do que um agregado de empresas. Ele recorda e anuncia que a economia necessita dos homens reais, dos rostos, do entusiasmo das mulheres e dos homens, e que a dimensão comunitária é fundamental para uma boa economia, até mesmo na era da globalização e do virtual.

E, enfim, uma pergunta: O Pólo será uma ilha feliz, resguardada das contradições e dos problemas da economia “normal”? É para fugir da cidade que se vem para o Pólo? Constrói-se a cidade nova para fugir das cidades velhas e tristes e

para separar-se delas?

Na realidade a questão da “separação” deve ser colocada em um nível mais radical. A economia de mercado moderna separou demais, o mercado e a economia, da cidade: city, bolsas, zonas industriais, clubes de empresários... separados da cidade; roupas separadas, clubes e esportes separados, etc. Por isso a EdC, e os seus pólos “separados”, na verdade unifica, *traz novamente a economia ao coração de uma cidade nova*, e a coloca num relacionamento vital com ela.

O Pólo se apresenta, então, como uma ponte para ligar áreas que foram separadas pela modernidade: o mercado e a cidade.

Portanto, o Pólo e a EdC são economia civil, e, também por isso, talvez não seja um acaso que ele surja na Toscana, pátria do humanismo civil. O que foi construído em Loppiano é um “bem público” da economia civil, que diz respeito a todos aqueles que buscam e querem uma economia capaz de encontrar-se com a justiça e com a fraternidade. É possível conjugar uma identidade forte (como é a do Movimento dos Focolares) com a universalidade. Toda experiência civil possui raízes, um nome e uma história, mas muitas vezes são essas experiências, necessariamente pequenas e particulares, que constituem o coração de grandes mudanças culturais epocais.

Foi o que aconteceu com os carismas, no decorrer dos séculos: de Bento a Francisco, da Gandhi e Yunus. Sem a ação renovadora dos carismas a vida social e econômica se achata na rotina dos interesses e das burocracias. Sem carismas a sociedade morre. Estes, fundados sobre a gratuidade (*charis*), levam a ultrapassar a fronteira do território, do humano, dão uma alma às instituições, e são garantia e esperança que um mundo “sem indigentes” pode ser algo mais sério do que proclamações no papel e sugestivas conferências acadêmicas.



Crônica de uma semana especial

A INAUGURAÇÃO DO PÓLO LIONELLO BONFANTI

Eva Gullo e
Alberto
Frassinetti

«Ainda se por pouco tempo e se com um trabalho muito humilde, fui um instrumento de Deus, que por meio de obras concretas – como a criação deste pólo – quer mostrar ao mundo inteiro que ele existe e se manifesta... Da nossa maneira, muito pequena, demonstramos a quem nos rodeia, a quem contamos ou a quem contaremos essa experiência, que queremos ser pessoas diferentes daquelas que o mundo propõe... “homens novos”, como vocês dizem!».

Assim escreveu Elisabeth, uma das mais de duzentas pessoas que ajudaram na limpeza do canteiro de obras, nos dias que precederam a inauguração do Pólo Lionello Bonfanti: uma turma de jovens, adultos, operários, médicos e outros voluntários que, munidos com vassouras, panos e “óleo de cotovelo” arregaçaram as mangas para oferecer um pouco de seu tempo e esforço e participar, também desse modo, do projeto do qual o Pólo é um testemunho.

«Portas abertas no Pólo Lionello» foi o título do primeiro dia da semana de inauguração. Era o dia 2 de outubro de 2006, e o primeiro ato solene de inauguração foi abrir as portas aos moradores do distrito de Burchio, onde o Pólo se localiza, aos habitantes do município de Incisa e de toda a região do Valdarno e, ainda, a todos os que desejavam ver e conhecer «a novidade». Foram mais de dois mil os visitantes que lotaram a galeria, o corredor dos escritórios, o bar, a confeitaria. No galpão – transformado em auditório para a ocasião – não havia mais lugares, nem de pé, e no palco o prefeito de Incisa Valdarno, Fabrizio Giovannoni, cumprimentou a todos, evidenciando: «Nesta região existem muitos centros produtivos, alguns de excelência, mas aqui existe algo a mais. O



Pólo é uma ocasião única, não apenas de desenvolvimento econômico e de geração de empregos, mas é um centro de experimentação de novas práticas de economia solidária. Por isso consideramos que o nosso município tenha sido dotado de uma nova excelência produtiva».

Dando prosseguimento apresentaram-se as 15 empresas que iniciam as suas atividades no Pólo Lionello, com alguns testemunhos dos próprios empresários. E, enfim, o concerto da Orquestra Juvenil do Valdarno, que deixou o selo final neste dia de festa, marcado pela fraternidade.

No dia 23 de outubro continua o envolvimento do território toscano, com o Congresso «Toscana, ética e desenvolvimento: o projeto da Economia de Comunhão», promovido pela E. di C. S/A, em colaboração com a Região Toscana e a

Província de Florença, e com o patrocínio da prefeitura de Incisa Valdarno. Participaram 120 pessoas, entre prefeitos, assessores estaduais e municipais, o presidente da Região Toscana, personalidades representativas de entidades e instituições e do mundo econômico.

Após apresentar o projeto da EdC, Daniela Ropelato, do Movimento Político pela Unidade, traçou a trama dos fracassos do agir econômico, em termos de democracia e de convivência civil, analisando, de modo especial, a prática da experiência da EdC.

David Termini, representante da Província de Florença, concluiu a sua participação na mesa-redonda dizendo: «Se é verdade que é possível realizar a paz combatendo a pobreza, este não é só um modo de combater a pobreza, mas de conduzir o mundo à paz».





O presidente da região Toscana, Dr. Cláudio Martini, disse, entre outras coisas: *“«Hoje o mundo necessita de um novo “investimento ético” e de solidariedade. (...) Interes-sante, nesta experiência, é que ela convida a refletir sobre a necessidade de manter juntos, o dinamismo da competitividade de um sistema industrial e o valor ético e de solidariedade da fraternidade e da convivência; este convite é muito significativo, porque nos leva a assumir que não é obrigatório escolher entre as duas coisas: não se deve, em nenhuma hipótese, escolher o dinamismo e a competitividade».*

Terça-feira, 24 de outubro, foi o dia do encontro privado com o bispo de Fiesole, D. Giovannetti, que visitou os locais de trabalho, e, numa atmosfera de família, abençoou ambientes e empresários.

Os dias 25 e 26 de outubro ficaram para a história como os dois primeiros dias de atividade do Pólo Lionello. Algumas de suas empresas são consultoras ou dedicam-se à formação profissional em vários campos, e, juntas, propuseram seminários de formação multidisciplinar gratuitos a empresas privadas e instituições públicas. Foram mais de 170 os participantes, entre empresários, dirigentes de empresas e funcionários públicos. Impressionou a todos, de um modo especial, o clima no qual esses seminários se desenvolveram, os relacionamentos entre os relatores, e o próprio ambiente, que favorece o diálogo, a participação, a abertura e o intercâmbio.

Tais seminários abriram, portanto, os batentes do Pólo às atividades de formação profissional, que constituem um de seus objetivos, no desejo de ser

não apenas um local para a aprendizagem técnica/profissional, mas também um lugar de reflexão e elaboração cultural sobre as várias temáticas que dizem respeito ao mundo do trabalho e todos os seus protagonistas.

Sexta-feira, 27 de outubro, foi o dia da abertura à Itália e ao mundo, com o congresso «Sinais de fraternidade em economia», que teve a participação de estudiosos, empresários, agentes econômicos e culturais: 1200 pessoas, com 15 delegações estrangeiras.

O objetivo era evidenciar os princípios inspiradores e fundamentais do projeto EdC, com todos aqueles que os concretizam na vida de cada dia, dos indigentes aos empresários, e abrir um diálogo com outros intérpretes da economia civil e solidária, a fim de conhecer as experiências desenvolvidas.





Tiveram a palavra a socióloga Vera Araújo, do Centro de Estudos do Movimento dos Focolares; a professora Adriana Cosseddu, docente de direito penal e comercial na Universidade de Sassari e o professor Luigino Bruni, docente de economia política na Universidade de Milão Bicocca. Seguiu-se a apresentação do Pólo Lionello Bonfanti e a experiência do empresário Armando Tortelli, um dos fundadores do Pólo Spartaco, no Brasil.

À tarde foram apresentados os testemunhos de Teresa Ganzon, das Filipinas – desde 1990 diretora do Banco Kabayan, especializado em micro-crédito – e de Letty Mumar, também filipina, que graças à ajuda recebida da Economia de Comunhão conseguiu sair da indigência. O seu testemunho, que causou comoção, precedeu e, de certa forma, norteou, a mesa-redonda conclusiva, moderada pelo jornalista Michele Zanzucchi, e da qual participaram Acli, Banco Ético,

MESA-REDONDA

■ Andrea Olivero, presidente da ACLI, fundada em 1945, atualmente com 900 mil sócios: «Nestes anos reinterpretamos o nosso empenho procurando caminhos para humanizar a economia. Como foi sancionado nos anos 50, o nosso atual compromisso é dar à fraternidade um lugar central. Não palavras, mas fatos, regras concretas; não apenas compreender a pessoa individualmente, mas influir na ordem política, econômica, civil».

■ Mario Cavani, recorda que o Banco Popular Ético nasceu em 1994, de vinte e duas organizações sem fins lucrativos, com raízes nos primeiros tratados sobre a economia ética, e se entrelaça com o surgimento do comércio equo e solidário. Sustenta o mundo no profit e a economia solidária, financiando a cooperação social e internacional, a tutela do ambiente e a sociedade civil. O Banco Ético torna-se sócio da E.di.C S/A para apoiar o surgimento do Pólo Lionello, pelo objetivo comum de salvar a centralidade da pessoa humana na economia.

■ Turiddu Campaini, presidente da UNICOOP Florença, recorda que a mesma teve sua origem em 1891, com a primeira cooperativa de consumo, e atualmente opera nas sete províncias da região Toscana, com um milhão de sócios, 7 mil e quinhentos dependentes, e dois trilhões de faturamento anual, tendo como objetivo a solidariedade, a cultura e o consumo consciente. «A última frente – continuou Campaini – consiste na atividade solidária em favor de países do terceiro mundo. Nestes anos difíceis procuramos diminuir as vozes dos custos, mas a voz “solidariedade” não sofreu alterações. Conseguimos mobilizar dois milhões de euros para a realização de projetos, com a colaboração de várias realidades de voluntariado; de relevo a ação

realizada com o Movimento dos Focolares, em Fontem».

■ Antonio Mandelli, presidente da Federação das Empresas Sociais da Companhia das Obras recorda que a mesma surgiu em 1986, por uma intuição de D. Luigi Giussani, hoje tem 42 sedes na Itália e 11 no exterior. Um arquipélago de realizações. Qual o segredo? “Partilhando as necessidades dos outros abrimos-nos a um dinamismo que nos estimula a fazer todo o possível, e da melhor forma, para responder a essas necessidades, com sistematicidade e criatividade”.

■ Claudia Fiaschi, vice-presidente do Consórcio CGM, conta que este surgiu em 1987, e hoje é formado por 3 sociedades e 83 consórcios aos quais são associadas mil e trezentas cooperativas de serviços sociais, sanitários, educativos e de inserção no trabalho, para as faixas mais carentes. Na sua rede operam 35 mil trabalhadores, dos quais cerca de 9 mil são indigentes ou voluntários. A meta: “Melhorar os lugares onde vivemos, temos em comum o amor pelo homem e o trabalho nas comunidades do próprio território”.

Numa troca de idéias final, Turiddu Campaini evidencia que uma característica própria do projeto EdC, que emergiu durante aquele dia, é a capacidade de reunir, e provocar o encontro e a contaminação recíproca, as realidades mais diversificadas da sociedade civil, com a finalidade comum da solidariedade.

Antonio Mandelli sublinhou: “Como no tempo das invasões bárbaras os beneditinos contribuíram para a reconstrução da sociedade, assim hoje, destes lugares pequenos, pode ter partida a regeneração da sociedade. Lugares que possuem uma nota comprometedora: exigem toda a nossa vida”.



Don Pasquale Fotesi



Companhia das Obras, Unicoop, CGM Consórcio, E. di C. S/A, todos representantes do mundo da economia civil e social na Itália, que conseguiram colocar em destaque os «talentos» uns dos outros.

O dia oficial da inauguração foi o sábado, 28 de outubro.

O presidente do Conselho italiano, Romano Prodi, esteve presente e desejou, fora do programa, visitar todas as empresas do Pólo. Em sua saudação afirmou: *«Qualquer sociedade precisa de exemplos, porque de outra forma torna-se árida, e tudo se mantém como um standart repetitivo. Aqui está um exemplo forte, importante. (...) Estes exemplos são uma corda de salvação, são um ponto fixo no qual podemos confiar (...). Por isso, simplesmente, quero exprimir a minha gratidão»*.

Além do auditório para 350 pessoas, montado em um dos galpões, outras duas salas estavam coligadas via vídeo. O evento foi transmitido em rede nacional

pela Telepace, e via satélite por Telespazio, criando, naquelas duas horas, um verdadeiro microcosmo, como um só coração e uma só alma, ao redor do Pólo Lionello e do projeto da EdC. O professor Stefano Zamagni salientou, em seu discurso, que a chave do sucesso da EdC consiste na valorização da pessoa humana em todas as suas dimensões.

E o cardeal Antonelli: *«A idéia da EdC é aparentemente simples, mas nada utópica. (...) É uma epifania, uma manifestação da caridade e, portanto, uma epifania do próprio Deus»*.

Como conclusão do dia foi descerrada a placa com o lema que Chiara Lubich deu ao Pólo Lionello: *«Deus opera sempre»*. E, na sua mensagem, explica: *«para que nos recordemos o valor que Deus dá ao trabalho, ao engenho criativo do homem. Mas estas nossas capacidades construirão eficazmente, e serão fonte de alegria, se seguirem o projeto de Deus»*.

Terça-feira, 30 de outubro. Calaram-se os rumores de uma semana inesquecível: mais de 5 mil pessoas participaram e 103 agentes de mídia notificaram. Nesta manhã pairava uma alegria profunda e cheia de gratidão por tudo o que aconteceu. Empresários, trabalhadores, amigos, todos os que se encontram envolvidos na EdC, decidiram acolher o desafio de colocarem-se à serviço de uma idéia que é maior do que a competência pessoal, do que as próprias certezas e pontos de vista. Todos dispostos ao confronto, e mais ainda ao diálogo, a fim de que emergisse um projeto do qual ninguém poderia ser considerado o autor, porque somente juntos será possível descobrir a qual futuro é destinado.

Hoje o Pólo é uma realidade e nos recorda que o povo silencioso dos indigentes espera por irmãos para reencontrar a própria dignidade. É este o objetivo do nosso trabalho.

Foto di Roberto Rigo e Ugo Pettenuzzo



Reflexões na inauguração do Pólo Lionello Bonfanti, em 28/10/22006

OS NOVOS CAMINHOS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Stefano Zamagni

O evento de hoje tem um caráter extraordinário e não usual. Unome à alegria de todos os amigos que, nesta festa, vêm realizado mais do que um sonho, uma profecia.

Procurarei responder a uma pergunta que poderia ser formulada assim: é possível conjugar a identidade própria de um carisma, como a do Movimento dos Focolares, com a práxis ordinária do agir econômico, particularmente na ação empresarial?

A minha resposta positiva deriva de uma constatação que se baseia na história dos fatos econômicos e das idéias econômicas, ou seja: quando nasceu a empresa moderna, como nós a concebemos hoje – a época do humanismo civil (anos 1400) – tal pergunta não tinha nenhum sentido, porque a empresa nasceu exatamente para exprimir uma identidade precisa, que era aquela que os humanistas civis da época haviam identificado como a busca do bem comum. Esta idéia, do nascimento da economia de mercado e da empresa moderna, é interessante notar, surgiu exatamente nestas terras, portanto, talvez não seja um acaso que o Pólo Lionello tenha sido criado aqui, porque a economia de mercado nasceu na Toscana, em Florença, Sena, etc.

Havia uma idéia basilar: dar uma

resposta a uma enunciação que o pensamento franciscano – nos anos 1200-1300 – já havia elaborado e difundido na aplicação da regra de Francisco. E uma frase, que me agrada recordar, é esta: “A esmola ajuda a sobreviver, mas não a viver, porque viver é produzir e a esmola não ajuda a produzir”. E o que fizeram os franciscanos e os outros humanistas civis? Criaram a economia de mercado e com ela surgiu a empresa, para dar a todos a possibilidade de produzir para o bem comum.

Com a chegada da revolução industrial acontece uma mudança profunda, isto é, no centro da atividade econômica é colocado o capital, a máquina. Desde então desenvolver-se significava acumular.

Por isso, durante o longo período da sociedade industrial, nós assistimos a uma desvalorização do elemento humano, da pessoa humana. O sujeito do desenvolvimento é o capital, portanto, na empresa torna-se imperativo transformar o ganho em investimento, porque o investimento produz um capital ulterior.

Isto nos ajuda a entender porque, por cerca de dois séculos e meio, o espírito original tenha sido esquecido. Foi assim que nasceu aquela dicotomia, da qual carregamos as consequências até hoje, entre economia e ética, que é uma distinção que não tem razão de ser – se observamos e raciocinamos segundo a ótica do humanismo civil – porque fazer economia e fazer ética era a mesma coisa, era uma unidade. Mas, com a revolução industrial, dá-se a dicotomia. Por quê?

Porque com a revolução industrial toma força uma tipologia singular, ou uma versão da economia de mercado, que é o mercado de tipo capitalista, que tem os mesmos ingredientes básicos de funcionamento: a divisão do trabalho, o desenvolvimento, a liberdade da empresa, a competição... nada muda, apenas, como diriam os gregos, muda o “telós”, isto é, a

finalidade última. Porque a finalidade última do mercado civil era o bem comum e a finalidade última do mercado capitalista é o bem total’.

Então, qual é a novidade de hoje? Hoje, como todos já sabem, entramos na época pós-industrial. Época pós-Taylorista, pós-Fordista... os nomes são muitos, mas o significado profundo desta transformação, ainda em ato, é exatamente a retomada prepotente da categoria da pessoa humana. Hoje a pessoa retorna ao centro da atividade econômica, como havia acontecido nos anos quatrocentos, quando a economia de mercado nasceu, em sentido histórico.

Se quisermos, portanto, que a empresa volte a florescer e ter sucesso, é necessário centralizar tudo sobre a pessoa humana. Como? Com os incentivos? Esta é a resposta freqüente dos economistas, e é um erro, porque os incentivos – naturalmente aludo aos incentivos materiais, monetários ou não, é indiferente – trazem resultados positivos em breve prazo, mas certamente não a longo prazo. Não é este o momento de falar sobre o assunto, mas, quem acompanha a literatura mais recente sabe que a longo prazo os incentivos tem efeitos perversos, tendem a produzir efeitos contrários às intenções daqueles que os haviam proposto.

Portanto, é preciso objetivar as motivações, precisa que quem trabalha na empresa partilhe, com o empresário, o objetivo último que move a empresa. Isto significa que é mais importante agir sobre a motivação intrínseca de quem trabalha do que sobre a motivação extrínseca.

A este ponto começamos a entender o significado da pergunta inicial. É por esse motivo que a empresa da Economia de Comunhão tem sucesso, terá sucesso e terá cada vez mais sucesso: porque os empresários da EdC, talvez sem uma consciência teórica bem



precisa, mas com aquela intuição que deriva do pensamento inicial de Chiara, compreenderam que o modo mais eficaz – estava para dizer eficiente – de obter resultados é, justamente, valorizar a pessoa humana em todas as suas dimensões. E por isso é possível conjugar identidade e aplicação do carisma, com o ato de fazer empresa. E isto é ligado, como os especialistas sabem, ao fato que entramos na fase da “knowledge society”, ou seja, a “sociedade do conhecimento”, porque o conhecimento hoje é cada vez mais tácito.

Nós sabemos que o conhecimento pode ser codificado ou tácito. É codificado quando encontra-se incorporado aos códigos, ou aos protocolos, e é tácito quando existe na mente das pessoas. E qual é a diferença? É que eu, manager ou empresário, para entrar na posse do conhecimento tácito que está na cabeça de todos – porque, como se diz, “o Espírito sopra onde quer” e uma idéia genial pode vir do último funcionário assumido ou do que ocupa o degrau mais baixo da escala hierárquica da empresa – eu não posso entrar na posse do conhecimento tácito se não tenho a contribuição da livre vontade da pessoa.

É por isso que as motivações intrínsecas são tão importantes. Os incentivos materiais funcionam até o ponto em que o conhecimento é codificado: eu lhe pago mais e você produz mais. Mas se a pessoa não está em condições de dividir as finalidades para as quais foi chamada, no trabalho da empresa, é inútil querer alguma coisa, ela jamais dará o melhor de si mesma. E o melhor de si mesma não pode ser controlado, por exemplo, por uma câmera externa ou por um supervisor, justamente porque o conhecimento é tácito.

Então, é importante compreender que a idéia que guiou a ação dos focolarinos que iniciaram a EdC é uma idéia genial, pioneira, que surpreendeu os próprios cultores, que estão ainda muito ligados a uma idéia de fazer empresa “Taylorista” ou “Fordista”. Não digo que este modelo tenha desaparecido, é necessário tempo para que um certo paradigma seja superado, mas é um fato que,

olhando em perspectiva, este será um modo novo de produzir. Portanto, esta fórmula das empresas EdC é vitoriosa. E é interessante que outros tipos de empresa, que não se reconhecem no Carisma, observem e estudem esse modelo.

Alguém poderia dizer: “Mas se alguém, que não tem o Carisma que deu origem a essa experiência, quisesse imitar o modo de fazer negócios, a forma de comportamento das empresas EdC, ele poderia, igualmente, ter uma função positiva?”. Ou, dizendo de outra maneira, não existe o risco do oportunismo? Sei que essas perguntas surgem de vez em quando. Creio que não devemos nos preocupar com isso, não devemos pretender mudar o “coração” dos homens com ameaças de sanções. Mas nós sabemos como as coisas acontecem.

É mais inteligente compreender que o princípio de contaminação é mais eficaz quando se aplica às virtudes do que aos vícios. Para ser explícito, quero dizer que se uma empresa imita o comportamento das empresas EdC sem ter assumido interiormente a sua finalidade, é um mal menor. Porque, como ensina a teoria psicológica da atribuição, quando uma pessoa repete muitas vezes um ato bom, mesmo se inicialmente não acredita nele, ao final acaba por acreditar. Por isso não devemos nos preocupar com a presença de “oportunistas”. O importante é que o aparato institucional da economia permita às empresas EdC realizarem a sua vocação de “minoria profética”. “Minoria profética” é um termo técnico usado pelos economistas quando estudam a teoria dos jogos. É considerado assim um grupo de sujeitos que, ainda que consciente de que os outros não farão o mesmo, continua a se comportar em conformidade com um carisma específico.

Concluindo. Sabe-se que existem duas categorias de bens: bens de justiça e bens de gratuidade. Os bens de justiça – por exemplo, os garantidos pelo antigo *welfare state* – atribuem a um superior (em geral o estado, mas não só) um preciso dever, de modo que os direitos dos cidadãos sobre aqueles bens sejam garantidos. Ao

invés, os bens de gratuidade – por exemplo, os bens relacionais – determinam uma obrigação que deriva da ligação especial de um sujeito com o outro. (É o reconhecimento de uma mútua *ligatio* entre pessoas que funda uma *obligatio*). Note-se que, se para defender um direito é possível recorrer à lei, uma obrigação é cumprida por meio da gratuidade, por conseguinte, depois que ocorreu o processo de reconhecimento recíproco. Jamais alguma lei, nem aquela constitucional, poderá obrigar à qualidade relacional no cumprimento de serviços à pessoa, por exemplo, no campo sanitário.

Não obstante todos percebem quanto os bens de gratuidade são fundamentais para a necessidade de felicidade que toda pessoa traz dentro de si. De fato, a gratuidade não é uma virtude ética, como é a justiça. Ela diz respeito à dimensão supra-ética do agir humano, a sua lógica é a da superabundância. A lógica da justiça, ao contrário, é a da equivalência (ou melhor, da proporcionalidade), como já ensinava Aristóteles.

Entendemos porque a esperança não pode ancorar-se na justiça. Numa sociedade, por uma hipótese, perfeitamente justa, não haveria lugar para a esperança – o que os seus cidadãos esperariam a mais? –. Isso não aconteceria em uma sociedade onde o princípio de gratuidade conseguiu plantar raízes profundas, justamente porque a esperança nutre-se da superabundância.

É este o significado último do Pólo Lionello: testemunhar que uma organização *mission-oriented*, que absorve a própria força de um carisma religioso especial, tem a capacidade de “fazer bem” tanto quanto as análogas estruturas produtivas, e ainda mais. Existe um lindo pensamento de Sêneca que diz que não existem ventos favoráveis para o navegante que não sabe aonde ir. Os empresários da EdC sabem aonde ir e, portanto, terão sempre ventos favoráveis da sua parte.

¹ Bem “comum” é o bem de todos e deixa de existir se um só fica excluído; o bem “total” é a soma dos bens dos sujeitos individuais, portanto conserva um valor, ainda que alguém seja esquecido [NdR].

UM FÓRUM SOBRE A EdC NO JORNAL TOSCANA HOJE

Renato Burigana

Em concomitância com a inauguração do Pólo Lionello Bonfanti, o semanário católico ToscanaOggi quis organizar um fórum sobre a Economia de Comunhão e a região Toscana, divulgado nacionalmente pelo jornal Avvenire.

Alguns dias atrás foi inaugurado, em Loppiano, o Pólo da Economia de Comunhão dedicado a Lionello Bonfanti. O presidente da região Toscana, Cláudio Martini, o visitou, e Alberto Ferrucci, empresário, foi um de seus artífices.

Martini e Ferrucci foram convidados por ToscanaOggi para uma avaliação dos desenvolvimentos e relações com a economia toscana, em um diálogo do qual participaram também o economista Piero Tani e Francesco Minoli, representando a EdC das regiões da Toscana e Úmbria. No centro das reflexões foi colocado o homem com os seus valores e escolhas futuras, voltadas a conjugar desenvolvimento e sustentabilidade, mas, especialmente a busca de novos caminhos de colaboração com todos aqueles, do mundo da cooperação às pequenas e médias empresas, que desejam dar respostas concretas ao desenvolvimento industrial.

O que é a Economia de Comunhão e como pode "contagiar" a Toscana?

Ferrucci: «A Economia de Comunhão aplica à economia um paradigma geral do carisma de Chiara Lubich: a fraternidade universal. Tudo nasceu após uma visita ao Brasil, anos atrás, do desejo de dar uma vida digna ao homem, porque aquilo que Chiara havia visto era intolerável. Como empresários estamos todos comprometidos em favorecer uma cultura do dar, da partilha, uma governance onde a pessoa humana seja colocada no primeiro lugar. Os lucros são partilhados: para desenvolver a empresa e uma parte é dada aos pobres».

Martini: «Para a região Toscana é



uma experiência muito interessante e estimulante. Gostaria de fazer duas reflexões. É uma experiência interessante porque capta a necessidade de ética, para a qual existe uma sensibilidade especial, a exigência de ética cresceu, e está crescendo, de modo evidente. Creio que hoje seja necessária uma reconversão a um modelo econômico que recupere a participação e o envolvimento. Além disso, há uma questão de valores. Eu considero com muito interesse a idéia de manter juntos o rendimento e a eficiência. Conseguir conciliar dois conceitos aparentemente inconciliáveis, como a qualidade de vida, de relações e o dinamismo produtivo, é importante para o nosso futuro. Esta capacidade me intriga culturalmente».

Talvez seja necessário buscar uma reflexão cultural sobre os modelos econômicos

Ferrucci: «O aspecto cultural é importante. São mais de 250 as teses já desenvolvidas sobre a Economia de Comunhão. Ela é um fato global, não de um nicho.

Cada vez mais está sendo estudada nas universidades e existem muitos seminários de estudo que analisam seus aspectos particulares. Trabalhar todos juntos por um futuro sustentável é possível somente se considero cada homem como um irmão, se estamos todos de acordo. É importante aprender a se colocar no lugar dos outros. Enquanto empresários nós devemos oferecer modelos concretos de desenvolvimento sustentável, uma alternativa concreta, não teórica. Há algum tempo foi feito um seminário com um título provocatório, 'Felicidade e economia'. Teve um sucesso que superou as expectativas. Atualmente é importante que este tema seja debatido nas Universidades, que se possa analisar e estudar a Economia de Comunhão como um modelo que pode ser proposto para o crescimento econômico de um país».

Martini: «Este projeto deve ser estudado, é preciso pesquisar, é um valor cultural. Este é um tempo de grande confusão de valores e de significados. Em



UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA E, ESPERA-SE, CONTAGIOSA

grande parte da nossa população está crescendo uma aversão à economia, à tecnologia, à ciência. São considerados temas frios, que repugnam. Ao mesmo tempo há quem admira essas disciplinas. Muitos jovens convivem mal com esse momento, porque não conseguem encontrar um equilíbrio. Além do mais as fortes desigualdades estão interpelando as nossas consciências mais do que um ano atrás. Nós precisamos de alguém que tente conciliar estas realidades, porque acho que não é justo nem idolatrá-las nem opor-se a elas. A EdC, juntamente com a cooperação, poderia ser um caminho praticável, uma outra estrada sobre a qual se caminha junto».

Quais relações existem com o território toscano?

Ferrucci: «O Pólo de Loppiano surgiu exatamente para dialogar com toda a região. Não teria sentido construí-lo se não se abrisse às empresas, ao território e aos últimos, aos pobres. Na Ligúria, por exemplo, existem 58 cooperativas que sustentam, com os seus lucros, três cooperativas sociais que não resistiriam de outra forma. Este poderia ser um caminho a percorrer: integrar-se com cooperativas já presentes na região para realizar uma “educação ao trabalho”, para criar um sistema».

Martini: «Eu também estou convencido de que deverá existir um forte liame com o território. Seria interessante se, no Pólo, houvesse empresas de diferentes setores. Poderiam contagiar-se mutuamente e suscitar novas idéias de empreendimentos a partir desta “contaminação”.

Criemos uma convenção, com as prefeituras, as empresas, as associações. Envolvamos inclusive quem se encontra fora do processo produtivo. Vejo no Pólo uma dupla significação: um apelo à reflexão, séria e aprofundada, sobre a Economia de Comunhão, mas também uma ligação forte com a região Toscana».

Piero Tani

Avaliar positivamente a experiência da EdC é bastante fácil: trata-se de pessoas que desenvolvem – com sucesso – uma atividade econômica, particularmente uma atividade empresarial, segundo modalidades novas, que ligam aspectos típicos desta atividade com valores de solidariedade e de espiritualidade, evitando qualquer separação entre o estilo da própria vida pessoal e aquele da atividade econômica em que atuam.

Diante desta experiência, sem dúvida minoritária, o economista, porém, deve se interrogar sobre o seu significado em confronto com o funcionamento do sistema econômico e a sua tendência para com realizações eticamente mais aceitáveis, seja em termos de resultados (bem-estar, justiça, respeito da pessoa) que de instrumentos utilizados.

Nesta direção, alguns economistas que estudaram esta experiência (Benedetto Gui e Stefano Zamagni, para citar alguns dos nomes mais significativos) deram uma contribuição importante, numa justa avaliação que a vê como um experimento que permite testar a validade de algumas recentes e originais teorias econômicas. Tais teorias se propõem superar alguns aspectos típicos do paradigma tradicional usado pelos economistas para interpretar os

fatos econômicos: o paradigma que vê o agente econômico como um sujeito projetado a maximizar o próprio bem-estar individual e, em nível empresarial, o próprio lucro. Superar

este paradigma significa formular a hipótese de um sujeito econômico – consumidor, empresário, investidor – guiado por outros impulsos, ou seja, a solidariedade, a reciprocidade, o valor dos relacionamentos pessoais, o desejo de operar junto e não apenas de operar “contra”.

Naturalmente a objeção mais óbvia é se um comportamento inspirado em uma maneira tão diferente seja difundido na realidade ou apenas desejável. A atenção à experiência da Economia de Comunhão pode contribuir para que se encontre a resposta a esta pergunta.

Mas existe algo a mais: o comportamento dos sujeitos econômicos não é o mesmo em toda parte, e, principalmente, não é imutável. Deste modo, a referência a valores éticos varia de um lugar a outro, e varia também a sanção social que atinge os transgressores, uma sanção que difere da sanção penal, mas que às vezes é igualmente eficaz para desestimular comportamentos incorretos. A diferença na quantidade de evasão fiscal que existe de um país para outro é certamente devido a uma opinião pública mais ou menos disposta a perdoar ou até a louvar o transgressor.

Experiências inovadoras, ainda que de dimensões limitadas, como a Economia de Comunhão, podem incentivar uma mudança de mentalidade, podem contagiar outras experiências. Por isso é essencial que, ainda que seja limitada, a nova experiência não fique isolada, não reste como uma experiência de nicho (*market*). Inclusive sob este ponto de vista a Economia de Comunhão parece ter boas intenções de caminhar no sentido certo.



CARTAS DO MUNDO

a cura de
Carla
Bozzani

Trechos de cartas recebidas de quem participa do projeto EdC aceitando ser ajudado em alguma necessidade material, através dos lucros das empresas EdC e da contribuição dos membros do Movimento dos Focolares.

■ O barraco de zinco

Até três anos atrás morávamos em um barraco de zinco, madeira compensada e palha. No tempo das chuvas muitas vezes sofriamos as inundações de um canal mau-cheiroso. Quando nos decidimos aceitar esta ajuda pudemos construir uma casinha nova, e foi uma alegria poder receber vocês no seco, apesar da chuva torrencial, no dia em que ela foi abençoada. Agora a nossa situação econômica melhorou e estamos muito contentes porque podemos restituir toda a soma que havíamos recebido, para que outros possam ser ajudados.

(Ho Chi Minh City)

■ A tocadora de flauta

Após sofrer um acidente meu pai não podia mais trabalhar, minha mãe estava desempregada e muitas vezes não sabíamos o que colocar na mesa, mas sempre chegava o que nós necessitávamos. Aos poucos papai se recuperou e pôde trabalhar, minha mãe encontrou um emprego simples e a orquestra onde toco flauta me presenteou com uma bolsa de estudos. Experimentamos que Deus jamais nos abandona, e agora que a Providência chega pelo nosso trabalho, a ajuda que recebíamos pode ser destinada a outros.

(Brasil)

■ A coragem de recomeçar

A guerra na Bósnia nos tirou tudo: casa, trabalho, amigos e, principalmente, a força para viver e recomeçar. Com essa ajuda inesperada eu retomei a coragem para reconstruir uma pequena casa e comprar um

fogão. No ano que vem talvez possamos ter água corrente.

(Bósnia)

■ Eu também posso dar

Eu trabalhava de dia e estudava à noite, mas quando as mensalidades da escola aumentaram eu não conseguia mais pagar. Confiei a minha situação, e quem estava perto de mim me ajudou, além de superar este momento, também a pagar as contas atrasadas. Terminei os estudos e tive uma promoção no trabalho: não preciso mais receber, agora também posso dar.

(Brasil)

■ Posso sorrir

Por muitos anos tinha uma grande dificuldade de me relacionar com os outros, nunca sorria porque não tinha dentes e nem a possibilidade de fazer uma prótese. Com a ajuda que chegou da comunhão de bens, sorrir não é mais motivo de embaraço, mas de alegria.

(Brasil)

■ O companheiro voltou

Quando adoeci gravemente o meu companheiro não suportou a situação e me deixou sozinha, com cinco filhos. A ajuda de vocês, e o sustento concreto, me ajudaram a cuidar da saúde e ele teve a coragem de voltar, assumir os cuidados com os filhos e preparar-se para o matrimônio religioso.

(Madagascar)

■ Tantan e JonJon

O meu primeiro marido morreu num acidente de trabalho quando eu estava no quarto mês da gravidez de Tantan. Casei-me novamente, mas quando descobrimos que o segundo filho, JonJon, tinha Síndrome de Down, o meu segundo marido nos deixou. Estava desorientada, pobre; era muito difícil criar os filhos sozinha, e me perguntava: se Deus

ama a todos, por que existem os ricos e os pobres?

O amor de Deus revelou-se quando encontrei as pessoas do centro Bukas Palad. Eu trabalhava, mas o meu salário não era suficiente para os estudos dos filhos, e foi assim que me ofereceram a ajuda da EdC.

A minha parte era gastar aquele dinheiro com atenção: falava com Tantan sobre todos os problemas da família, e explicávamos a JonJon que devíamos amar, viver de forma modesta, comprar somente o necessário. Dividia o dinheiro em sete envelopes, para as despesas mensais, o aluguel, água, luz, alimentação, as despesas imprevistas, e tínhamos que pegar o dinheiro sempre do envelope certo. Eu sabia que era importante seguir as regras. Por amor aos meus filhos procurei viver a pobreza em todos os aspectos, pois não só os ricos se deixam tomar pelo materialismo. Para nós isso significou ir contracorrente.

Morávamos com meus pais. Éramos vinte pessoas numa casa muito pequena e não faltavam as incompreensões. Para podermos mudar para uma das casas populares construídas por Bukas Palad foi preciso ainda uma ajuda financeira da EdC.

Tantan frequentou um colégio bom, até se diplomar na Universidade Dominicana de Santo Tomás, e JonJon cursou uma escola especial, onde foi premiado três vezes pelo melhor rendimento, participou das Olimpíadas Especiais das Filipinas, ganhando a prova de velocidade e conquistando oito medalhas. Em seguida foi admitido como funcionário na padaria de Bukas Palad e agora é independente. Ele me ajuda na limpeza da casa e vai pagar as contas nas repartições.

Quando terminou os estudos Tantan sentiu o chamado de Deus e decidiu responder. Agora ele frequenta a escola dos focolarinos em Loppiano.

(Filipinas)

O prêmio Nobel da Paz 2006 para Muhammad Yunus e o seu “banco dos pobres”

YUNUS: AS LIÇÕES DE UM PRÊMIO

**Benedetto
Gui**

O que Bangladesh, um dos últimos países em renda per capita, e ainda por cima com uma população de maioria islâmica – um adjetivo que em geral soa mal nas nossas terras – pode ensinar ao mundo?

Evidentemente, muito, já que, antes do Nobel, o professor Muhammad Yunus (um personagem que ainda deve ser descoberto, mas de quem não faltam biografias) havia recebido dezenas de prêmios. Além disso, a filosofia do Grameen Bank foi imitada por centenas de outras instituições, na Ásia, África, América do Sul, e também nos Estados Unidos e em muitos países europeus, inclusive na próspera Noruega, sede da comissão que lhe conferiu este importante reconhecimento. E, enfim, o micro crédito se tornou uma das principais palavras de ordem para quem se ocupa com a promoção do desenvolvimento, desde o Banco Mundial até o multiforme mundo das Organizações Não Governamentais.

O país pode ensinar, por exemplo, que, em geral, os recursos mais importantes para o resgate econômico de uma família com dificuldades financeiras elas já possuem, e não são frequentemente reconhecidos, ou estão amarrados por laços de vários tipos. Mas, existe a capacidade, se lhes são dadas as condições, de iniciar um percurso de autonomia que, vindo de fora, ninguém conseguirá realizar.

E não só, muitas vezes estes recursos são a energia e a inteligência das mulheres, as mais determinadas no querer dar um futuro aos próprios filhos, mas, comumente, as mais excluídas nos negócios (muitas vezes micro-negócios) da família.

Ensina ainda que, para quem vive sempre atormentado pela urgência de garantir a sobrevivência de cada dia, ter um empréstimo com juros possíveis

de serem assumidos pode significar a possibilidade de olhar mais longe e começar uma atividade capaz de garantir uma renda. Isso, porém, exige possuir alguma ferramenta, comprar alguma mercadoria para trabalhar ou revender, adquirir algum conhecimento, e em todos os casos, fazer um pequeno investimento.

Além disso, justamente aqueles tipos de pessoas a quem ninguém quis dar crédito, porque privadas de patrimônios que o garantam – e também de um mínimo de prestígio – podem merecer a confiança, pagando os empréstimos com uma medida desconhecida ao mundo dos grandes bancos e dos grandes empresários (frequentemente apenas 2 ou 3 pontos percentuais do crédito devido, contra os 7, 10, ou, às vezes, muito mais).

Tudo isso se mostrou real, porém, há uma condição que nos ensina alguma coisa: é importante que quem recebe um empréstimo não olhe apenas os seus interesses imediatos, sem considerar o bom funcionamento de todo o sistema de empréstimos e reembolsos, porque assim a tentação de ficar com o dinheiro sem pagar as prestações devidas seria forte demais.

Por isso, o Grameen Bank inaugurou um esquema de empréstimos de grupo no qual os primeiros beneficiados sabem que não podem faltar com o compromisso dos pagamentos, para não prejudicar os que receberão depois; assim uns ajudarão e solicitarão os outros.

E, enfim, um último ensinamento, em Bangladesh o micro crédito venceu o desafio graças, também, a uma presença capilar de emissários nos vilarejos, que não apenas cobravam as prestações semanais, mas aproveitavam para reunir grupos de mães de família a quem ensina-



vam como administrar o pouco dinheiro, como fazer uma simples contabilidade, às vezes dando noções de higiene ou de como alimentar os próprios filhos sem gastar muito.

Ora, se estes ensinamentos se revelaram preciosos para milhões de pessoas que hoje estão envolvidas nas milhares de instituições de micro crédito, o que é mais importante para quem está envolvido no projeto da Economia de Comunhão, centralizado exatamente no resgate econômico de irmãos que padecem pela necessidade? Parece-me que os pontos essenciais são dois: que ninguém jamais seja visto apenas como beneficiário, por conseguinte que todos sejam colocados em condições de dar o melhor de suas energias para alcançar o máximo da autonomia compatível com as suas possibilidades (que são muito diferentes entre um ancião só e inválido e uma jovem família em dificuldades). Até porque justamente a experiência do Movimento que dá vida ao projeto é que o caminho privilegiado para a nossa realização é aprender a dar, e que uma condição importantíssima, não só para quem se encontra em necessidade, mas para qualquer um que aspire uma vida plena, não é tanto possuir (ou receber) o necessário, mas poder partilhar o próprio caminho, na comunhão.



MICRO CRÉDITO NAS FILIPINAS

Leo Andringa

O micro crédito praticado pelo Banco Kabayan – uma das primeiras empresas da EdC nas Filipinas – é algo a mais e diferente de uma simples prática bancária. Poderia se dizer que é uma escola de vida onde, por meio do aprendizado de regras para a administração do dinheiro e da poupança, se constrói uma nova cultura contribuindo na formação de pessoas novas.

Tereza Ganson que com o marido, Francis, administra o Banco, conta:

“Demos início a um serviço de micro crédito individual e a um com o estilo do Grameen Bank – de Yunus, o economista de Bangladesh que acabou de receber o Prêmio Nobel da Paz – que prevê a concessão do crédito depois de ter criado entre as mulheres dos bairros pobres ‘grupos de solidariedade’, nos quais podemos explicar as regras do crédito solidário e ajudá-las a administrar as próprias atividades com sucesso. Estas mulheres sempre acreditaram não possuir dinheiro suficiente para as primeiras necessidades, mas aprenderam a arte de economizar, talvez pouco dinheiro de cada vez, mas que num espaço de um, dois ou três anos tornavam-se recursos preciosos para casos de emergência, para a educação dos filhos, etc. Por meio de pequenos empréstimos (menos de 50 dólares), garantidos pelo grupo inteiro, elas podiam começar a produzir alimentos ou doces, abrir uma lojinha no bairro, vender verdura ou peixe na feira, e ganhar o suficiente para mandar os filhos para a escola, melhorar o barraco, enfrentar problemas de saúde”. “Devagar – continua Teresa – difundiu-se a alegria de pertencer a um grupo, de passar o tempo com outras mulheres que buscam, como elas, ganhar do que viver, e até criar com as próprias economias um fundo

comum do grupo, que podia ser usado, por exemplo, para visitar lugares que não conheciam e poder alargar os próprios horizontes.

Os maridos, admirando o esforço delas em melhorar a vida da família, passaram a tratá-las com maior respeito, encorajando-as a participarem do encontro semanal.

Para o Banco isso significou mandar aos bairros mais pobres e aos vilarejos 50 jovens, treinados como funcionários de crédito, para organizar os grupos de mulheres e descobrir possíveis micro-empresários individuais. Foi necessário construir um novo andar na sede do Banco, para dar um local de trabalho para eles”.

No verão do ano passado, juntamente com Luigino Bruni, fomos encontrá-los e pudemos assistir, numa pequena sala, um encontro de um grupo de micro crédito, de cerca 50 pessoas, quase todas mulheres que vivem no mesmo bairro, todas conhecidas entre si.

O encontro, semanal, dura uma hora e é coordenado por um membro do grupo. A participação é assumida com muita seriedade; se alguém não tem a possibilidade de ir deve avisar anteriormente, com uma carta explicando as razões de sua ausência. No início, a secretária, também escolhida entre os membros, lê e submete à aprovação de todos, a ata do encontro anterior e as cartas que chegaram.

Em seguida, acontece um momento importante da reunião: todas as semanas são relidos uma série de pontos, de “mandamentos” desenvolvidos pelo Banco Kabayan para quem adere ao projeto do micro crédito, necessários para que se viva bem essa experiência.

Destaca-se, entre todos, a promessa, repetida todas as semanas, de não procurar



Um novo experimento para a formação à cultura de comunhão

KOINONIA NO BANCO KABAYAN

Teresa e Francis Ganzon

Em agosto de 2006 a empresa da EdC Banco Kabayan convidou os próprios dependentes, 170 pessoas, para participarem, na Mariápolis Paz, do Movimento dos Focolares, do Seminário “Koinonia”, dois dias nos quais foi possível aprofundar, concretizar e difundir a cultura de comunhão, em grego “koinonia”. O programa era composto de conferências, filmes, cantos, jogos baseados na confiança recíproca e momentos de oração, úteis para reforçar a consciência de si mesmos, de Deus e do próximo, de acordo com a cultura local, ainda não devastada pelo secularismo. Nas Filipinas, de fato, as igrejas são tomadas pelos jovens inclusive nas missas celebradas de manhã, nos dias de semana.

As primeiras duas sessões, de caráter espiritual, foram precedidas por um momento de intercâmbio que criou logo um clima de abertura recíproca. Na primeira, refletiu-se sobre as falsas imagens de Deus, que impedem um relacionamento autêntico de amor com Ele e, na segunda, sobre o valor de cada pessoa aos olhos de Deus, todas amadas igualmente, ainda que criadas diferentes umas das outras.

Na terceira sessão refletiu-se sobre o perdão, e na sua conclusão foi feita a “corrente do amor”. Cada um podia conversar com um colega, por apenas dois minutos, sobre três temas: agradecer por algo que havia recebido, pedir perdão por alguma coisa e fazer um propósito para melhorar. Todos participaram, felizes por poderem exprimir de modo espontâneo e construtivo os sentimentos mais escondidos. O fato de ter pouco tempo à disposição não dava espaço a considerações e assim os relacionamentos entre todos foram elevados a um plano superior, a unidade interna foi reforçada.

O segundo dia foi dedicado à comunhão com o outro. Foi projetado um documentário sobre

o trabalho infantil que suscitou indignação ao ver crianças trabalhando em condições tão perigosas e precárias. Muitos dos presentes eram pais e, assim, foram levados a compreender e apreciar o objetivo da empresa, que mira a comunhão entre os seus membros e com a comunidade. E, ainda, empenhar-se para não considerar apenas os dons recebidos e amar a própria família de modo a não permitir jamais o desfrutamento (abuso?) de menores, fazendo tudo o que está ao próprio alcance para tirar as pessoas das condições alienantes em que se encontram por causa da pobreza. Em seguida foi dedicado um espaço à história dos primeiros anos do Banco Kabayan, com a superação da crise na empresa e a nova visão adquirida com a adesão ao projeto EdC, e os valores que levaram à expansão da empresa a fim de fornecer serviços a outras comunidades e gerar empregos. Valores fundamentais de excelência e serviço, transparência e integridade, unidade, fé e confiança na intervenção divina, e compromisso com o desenvolvimento da comunidade, em uma empresa que hoje é mais sólida, com um senso moral forte, que condiciona as escolhas dos produtos a serem oferecidos e desenvolvidos.

Três quartos dos participantes do seminário começaram a trabalhar no Banco Kabayan nos últimos anos e, assim, puderam conhecer a fundo a cultura e o pensamento de quem criou e guia o BK, tendo condições de interrogar-se sobre o chamado pessoal a ser um partner ativo na missão e visão da empresa. O seminário foi concluído com uma saudação calorosa dada por Ray e Madda, co-responsáveis pela Mariápolis, ao final da Santa Missa, com a presença de todos os moradores, seguida por uma série de testemunhos espontâneos dos participantes, na veste de “promotores de

empréstimos em outros bancos, de modo que tenham condições de restituir o que pegaram do Kabayan. Depois as pessoas do grupo fazem o pagamento dos juros semanais devidos pelo próprio crédito, e também depositam alguma poupança, ainda que mínima.

Nestes encontros existe uma cultura de dignidade, honestidade, seriedade e também de alegria. Pela reciprocidade dos relacionamentos percebi que o funcionário do banco, que estava presente, conhecia a cada um e era bem aceito pelo grupo. A sua era uma presença silenciosa, e a reunião se concluiu com uma linda canção e muita alegria.

Em seguida pude constatar que entre este funcionário e alguns dos indigentes que fazem parte do grupo havia uma relação que ultrapassava o aspecto contratual. O seminário “Koinonia” demonstra como é importante a formação e o envolvimento dos funcionários. (ver pág. 19-20).

Esta experiência demonstrou que é possível, partindo do “contrato”, alcançar o estágio da “comunhão”, e que “partir do contrato” é um modo novo de ajudar os indigentes.

Normalmente, de fato, parte-se do oposto, isto é, oferecendo dinheiro sem subordiná-lo à sua restituição, e desse modo, se a “cultura do dar” não é totalmente partilhada, não se chega à plena reciprocidade: o indigente espera pelo envelope mensal e o doador não pode deixar de dá-lo, porque percebe que o indigente não tem alternativas. E assim permanece uma situação de dependência e de indigência. O objetivo da Economia de Comunhão é que “não existam mais indigentes”, e isso supera a situação de dependência. É nosso dever encontrar os caminhos para alcançar a plena comunhão, aquela dos primeiros cristãos.

ganzon@skyinet.net





comunhão”, lidas, com solenidade, diante de todos.

Alguns diziam:

Desejo me comprometer para ser uma chave que abre as portas da vida de quem encontro... tocar o coração do meu próximo de forma que no final do dia ambos seremos gratos por termos tornado parte da vida do outro e conscientes de que valeu a pena.

(Supervisor de micro crédito)

Quero ser uma bênção para os meus colegas, oferecendo a eles a minha amizade e partilhando as minhas idéias e talentos.

(Caixa)

Quero ser um dom de Deus que possa dar alegria, felicidade, força, coragem e inspiração, para viver como uma única família, em Cristo.

(Chefe de seção)

Quero ser mais aberto para os meus colegas, mais capaz de uma partilha plena, e participar de suas alegrias e sofrimentos como sabe fazer um amigo verdadeiro.

(Formador)

Quero ser uma pessoa melhor, que ama e respeita o próximo, movida pelos princípios da doação e da partilha, com um coração capaz de perdoar.

(Funcionário)

Quero ser uma pessoa capaz de não esquecer os muitos presentes recebidos e as minhas fraquezas, de modo a partilhar livremente e com amor tudo o que possuo, sem esperar nada em troca.

(Responsável pela programação)

Desejo mudar o meu modo de ser usando os ensinamentos de “Koinonia”. Sei com clareza o

que devo mudar, o que devo fazer.

(Chefe de seção)

Quero ser um pai modelo para os meus filhos, um amigo verdadeiro em quem se pode confiar.

(Motorista)

Quero ser um cidadão responsável, sensível não apenas aos meus problemas, mas também aos das pessoas com quem vivo e da minha comunidade.

(Setor de contabilidade do micro crédito)

O desafio agora consiste em reforçar e renovar constantemente em nós essas promessas, colocando sempre em primeiro lugar as necessidades dos outros quando realizamos as nossas atividades diárias para fornecer serviços financeiros, especialmente nos setores mais marginalizados da comunidade.



O NOVO SITE DAS TESES: INSTRUÇÕES PARA USO

**Antonella
Ferrucci**

Desde o mês de junho passado está ativo o novo site das teses EdC.

O endereço, www.ecodicom.net, continua o mesmo. O site contém os dados essenciais das 246 teses, em 13 línguas, das quais este arquivo teve notícia, de 1994 até hoje. Das que constam no elenco estão disponíveis para consulta on line, a resenha e o texto de 187 teses. Isso por decisão dos autores que, com este instrumento, desejam agilizar o estudo do fenômeno EdC, por parte de outros estudantes e estudiosos.

O site é composto por quatro seções: a «Home» onde são explicadas as motivações do site; a seção «Info» com as referências para contato com o arquivo mundial; a seção «Noticiário» que torna disponíveis os arquivos Acrobat Reader (pdf) deste Noticiário, em várias línguas; e enfim a seção «Teses» que constitui o conteúdo específico do site.

Nesta seção, atualmente composta de 5 páginas, pode-se

encontrar, em ordem cronológica de discussão, das mais antigas às mais recentes, os cadastros relativos às 246 teses sobre a EdC. Além do nome do autor estão disponíveis (quando conhecidos) o título da tese, a data de discussão, o âmbito da pesquisa, a Universidade, o curso, o orientador e o nível da qualificação.

Com facilidade é possível «filtrar» os dados do Banco de Dados pela língua, o ano da discussão e o âmbito da pesquisa. Este último filtro, em especial, é muito prático, porque inserindo uma palavra-chave (por exemplo, «sociologia») são filtrados todos os cadastros que no campo «âmbito da pesquisa» contém este termo.

Os cadastros podem ser organi-

zados em ordem alfabética pelos campos que compõem o Banco de Dados, simplesmente clicando sobre a título de cada uma das colunas. Por exemplo, clicando na coluna «Universidade» os dados serão ordenados alfabeticamente segundo as Universidades, evidenciando assim, por «proximidade», as teses discutidas na mesma faculdade.

Todos estão convidados a nos visitar! www.ecodicom.net

DEZ NOVAS TESES

Neste número apresentamos dez teses, das quais oito provêm do Brasil, uma da Eslovênia e uma da Itália.

Cinco pesquisas foram realizadas por estudantes de economia: duas delas analisam a contribuição do projeto EdC para um desenvolvimento sustentável, a terceira confronta os princípios da EdC com os do Comércio Equo Solidário, a quarta estuda os desenvolvimentos da Edc na Amazônia e a quinta aplica os seus princípios ao caso concreto da promoção do desenvolvimento de uma área do norte brasileiro.

Duas teses foram escritas por estudantes de Ciências Jurídicas, e ambas confrontam o projeto

EdC com as normas da Constituição Brasileira, promulgada em 1988, encontrando entre eles uma plena consonância. Uma tese da Eslovênia, em Teologia, descreve a mensagem econômica do Movimento dos Focolares por meio da EdC, e uma feita no Brasil, em Comunicação Social, analisa a aproximação das empresas EdC com as Relações Públicas, considerando tal aproximação satisfatória, mas augurando que a mesma possa progredir, a fim de que cresça a difusão do projeto no mundo.

E enfim, a décima tese é em Psicologia Social, e examina a novidade da EdC na organização do trabalho.

Arquivo mundial das teses de EdC:

Antonella Ferrucci
c/o Prometheus Srl
Piazza Borgo Pila 40
16129 Gênova
tel +39/010/5459820 – 5459821
(segunda-feira e quarta-feira,
das 10h às 13h)
e-mail:
antonella.ferrucci@prometh.it

As teses colocadas à disposição pelos autores podem ser consultadas na página www.ecodicom.net. A página www.edc-online.org (em quatro línguas), na seção “notícias e eventos”, traz as informações sobre todos os eventos relativos à EdC no mundo, e pode ser consultada, em todas as outras seções, para obter bibliografia, dados, estatísticas, artigos e muito mais.



**Ana Camila
Marques May**

e-mail: mila.may@ig.com.br

Diploma em
Ciências Jurídicas
*Centro Universitário Salesiano
de São Paulo – Lorena*
31 de dezembro de 2004

Língua:
português

**Tese: A justiça social no âmbito de um novo agir econômico:
a EdC e o Constitucionalismo Social***Orientador: Prof. Rafaela Daisy*

O estudo percorre a história do direito ao trabalho, que vê a constante mobilização dos trabalhadores pela conquista de condições de trabalho dignas e salários capazes de suprir ao menos às necessidades primárias da vida humana, a educação dos filhos, a habitação, a saúde.

Repassando a história da economia e do trabalho brasileiros a partir dos anos 70, graças à disponibilidade de capital estrangeiro, se havia verificado um verdadeiro “milagre econômico”, com um notável crescimento da economia, a criação de indústrias ao redor das grandes cidades e o aumento dos postos de trabalho. Tudo isso transformou as relações sociais, dando espaço ao individualismo e à difusão da cultura do lucro e do desenvolvimento a qualquer preço.

A recessão que seguiu este período, nos anos 80, provocou uma hiper-inflação, o fechamento de empresas e a desocupação, e foi enfrentada com o modelo neo-liberal, que exigia a redução dos custos sociais, o enfraquecimento dos sindicatos e da capacidade contratual da força trabalho, a introdução do trabalho flexível e a ampla difusão do sub-emprego, vistos hoje como causa das muitas desigualdades sociais.

Neste contexto de crescente estado de miséria, sobretudo nos grandes centros urbanos, impõe-se a necessidade da solidariedade social. Na Constituição Federal, promulgada em 1988, os direitos do trabalho encontram espaço na forma jurídica do “constitucionalismo social”.

É o momento no qual as forças de trabalho, movidas pela solidariedade e pela necessidade de igualdade, qual reação ao modelo neo-liberal, se reúnem em cooperativas de produção, voltadas não apenas à subsistência dos trabalhadores, mas também à formação de capital: nasce a economia solidária.

A Economia de Comunhão, ainda que pertencente a este âmbito, surge com uma diferente visual, envolvendo os próprios empresários e formadores de capital na criação de empresas que destinam os lucros ao bem comum.

A grande novidade da EdC é a formação humana ligada à gratuidade, à abertura, aos elementos da reciprocidade de comunhão, que geram uma nova dimensão nas relações entre empresários e trabalhadores, caracterizadas precedentemente pela opressão e a desconfiança recíprocas.

Nasce uma nova mentalidade, uma cultura da partilha, que coloca no centro a valorização da pessoa humana, em pleno acordo com a Constituição Federal Brasileira: um agir econômico que dá um verdadeiro impulso à justiça social.

**Primoz Prepeluh**

e-mail: primaria26@yahoo.com

Diploma em Teologia
Universidade de Lubliana
31 de março de 2005

Língua:
esloveno

**Tese: A proposta econômica do Movimento dos Focolares –
Obra de Maria***Orientador: Dr. Peter Kvaternik*

O projeto EdC, que teve origem no Movimento dos Focolares, é apresentado no presente estudo como uma nova cultura econômica, fundada sobre a abertura ao outro, em contraposição à atual e opressora cultura do egoísmo.

Após uma apresentação do Movimento dos Focolares e da sua rica atividade de diálogo inter-religioso e inter-cultural, o projeto EdC é analisado sob a luz da moderna Doutrina Social da Igreja, nos seus aspectos antropológico e transcendente.

Evidenciam-se os diversos atores do projeto e a sua proposta de destinação dos lucros das empresas, tentando uma avaliação crítica das três finalidades: a ajuda aos pobres, o desenvolvimento da empresa e a formação de um povo renovado.

Expõem-se as funções e perspectivas pastorais do projeto EdC, com atenção especial à “cultura do dar”, que se opõe à mentalidade atual da “cultura do possuir”.

Enfim são analisadas as concretizações do projeto sob o perfil da Doutrina Social da Igreja, utilizando o método crítico analítico e comparativo sistematizado pastoral.

Manzaroli Maria Grazia

mgmanzaroli@interfree.it

Mestrado em
Economia Empresarial
*Universidade dos Estudos
de Urbino "Carlo Bo"*

14 de junho de 2005

Língua:
italiana

**Tese: Economia da reciprocidade: um confronto
entre Comércio Équo e Economia de Comunhão***Orientador: Prof. Davide Castellani*

Passou-se em resenha vários elementos: os efeitos concretos de comportamentos de confiança e reciprocidade no interior das empresas, a influência que assumem as motivações pessoais sobre as decisões empresariais, os incentivos que motivam estratégias de cooperação e não oportunistas e a potencialidade de difusão de tais comportamentos econômicos no sistema econômico. Examinada a literatura existente sobre o fenômeno do non profit tentou-se definir os comportamentos de reciprocidade e confiança que surgem das relações pessoais dos diferentes sujeitos econômicos, no caso da EdC como no do Comércio Équo, comparando analiticamente os dados obtidos, a fim de captar peculiaridades constitutivas e perspectivas de desenvolvimento. Emergiram os seguintes principais pontos de contato entre as duas realidades estudadas: em ambos os casos os relacionamentos pessoais revelam possuir uma importância fundamental, notou-se a tendência comum a constituir redes de associações cujos objetivos podem ser compartilhados, verificou-se que se um sujeito mantém, no tempo, uma estratégia de cooperação, cria um capital positivo de reputação que conduz a instaurar, com os terceiros, relações de confiança e reciprocidade, revelou-se, enfim, que em seguida a uma fase inicial de forte expansão, na qual são recolhidas muitas adesões, segue uma fase de contenção, devida aos novos desafios (especialmente culturais) que o projeto deve enfrentar.



**João Guilherme da
Silva Passos**

joguildasilvapassos@yahoo.com.br

Diploma em
Ciências Econômicas
*Universidade Federal do Pará
Departamento de Economia*
15 de setembro de 2005

Língua:
português

**Tese: O associacionismo e a Economia de Comunhão:
uma proposta de melhoramento da qualidade de vida
em Santana do Urucuri – São Miguel do Guamá (Pará)***Orientador: Prof. Celina Julia Nunes Santos Cunha*

O principal objetivo do estudo era salientar a importância de que a atividade econômica propicie a realização da pessoa – não obstante todas as suas dificuldades e limites – tornando-a protagonista do processo produtivo nesta área marcada por particulares dificuldades de desenvolvimento.

O estudo avaliou as diferentes potencialidades produtivas da região, privilegiando as que apresentam um rápido retorno econômico, com a intenção de propô-las aos pequenos produtores, instaurando uma relação de comunhão e partilha, que traz em si a capacidade de gerar relações sociais mais humanizadas e, de consequência, uma melhor qualidade de vida. As situações mais difíceis da região de São Miguel do Guamá foram enfrentadas com o espírito de fraternidade e justiça peculiares do projeto EdC.

Foram analisados os setores da apicultura, tratamento de águas para pesca, produção de frutas, cereais e farinha de mandioca, criação de gado, etc. Estimulando na comunidade uma organização solidária, baseada nos princípios da EdC, viu-se a possibilidade de optar por qualquer uma dessas atividades, obtendo melhores resultados com o trabalho comunitário e com a assistência de técnicos, especialistas e pesquisadores do governo.

O estudo propõe, em última análise, tornar a Economia de Comunhão o princípio vital do projeto federal de Sistema Produtivo Local, enriquecendo o valor produtivo da região no âmbito da economia solidária, criando logomarcas especiais, que explicitem esse espírito e caracterizem o produto no mercado, por exemplo, para a produção da farinha de mandioca.

Erinete Cruz Da Silva

e-mail: erinete@hotmail.com

Diploma em
Ciências Econômicas
*Centro de Consultoria Econômica
CIESA*

4 de novembro de 2005

Língua:
português

**Tese: EdC: um estudo sobre a aplicação do projeto
nas empresas de Manaus***Orientador: Prof. Eliraldo Abensur*

O projeto EdC baseia-se sobre princípios cristãos e universais, e tem como principal objetivo a humanização da economia, graças à "cultura do dar", que transforma uma visão egoística e instrumental em uma visão social.

O projeto propõe uma administração ética e transparente e uma distribuição de lucros segundo três finalidades: as necessidades da empresa, a ajuda aos necessitados e a formação de pessoas capazes de vivenciar a "cultura do dar". A pesquisa avaliou a aplicabilidade do modelo de gestão proposto pela EdC em base à atuação do mesmo na cidade de Manaus, e foi realizada por meio da compilação de questionários e entrevistas. Foram analisados os casos concretos das empresas do empresário Rogério Cunha, que aderiu ao projeto ainda em 1994, da Clínica Médica Salus e de outras diversas pequenas empresas, todas motivadas por uma visão que coloca a pessoa humana no centro da própria atividade.

Ana Paula Lemnos Pinheiro

e-mail: iceskate@bol.com.br

Mestrado em
Desenvolvimento Sustentável
e Responsabilidade Social

Dezembro de 2005

Língua:
português

Tese: **Economia de Comunhão, gestão operativa e desenvolvimento: estudo do caso da Prodiel Farmacêutica, de Curitiba**

Orientador: Prof. Oklinger Mantovaneli Júnior

O estudo avalia a congruência da gestão empresarial das empresas EdC com um desenvolvimento sustentável, examinando o caso da empresa PRODIET Farmacêutica, de Curitiba, estado do Paraná.

Inicia-se apresentando e contextualizando os princípios EdC na organização empresarial, identificando os principais sujeitos administrativos utilizados na organização e analisando-os com processos quantitativos e indutivos, por meio de parâmetros de sustentabilidade econômica e de gestão. Para este fim foram entrevistadas dez pessoas encarregadas em postos-chaves na empresa, segundo uma linha estruturada em três partes: a primeira relativa à aplicação dos valores EdC na organização, a segunda sobre as atividades administrativas e a terceira concernente às atividades comerciais.

Concluiu-se que a empresa contribui ao desenvolvimento sustentável com ações éticas e socialmente responsáveis, seja no seu interno que no ambiente externo, congruentes seja com a EdC seja com o paradigma do Desenvolvimento Sustentável, que, por sua vez, contribuem não apenas com o crescimento quantitativo da empresa mas também com o seu crescimento qualitativo.

Foi ainda evidenciado que as ações éticas, humanas e responsáveis da prática diária não são realizadas com a razão expressa de contribuir de modo consciente para o desenvolvimento sustentável. Tendo presente que tais ações podem ter um forte impacto no combate à tendência ilimitada ao lucro e ao consumo a todo custo, seria útil tornar-se mais conscientes da importância das consequências que podem provocar, em nível local e global.

Luciana Leite Raposo e Silva

e-mail: luciana.gen@bol.com.br

Diploma em
Ciências Jurídicas
*Faculdade de Direito da
Universidade Federal do
Amazonas*
6 de julho de 2006

Língua:
português

Tese: **A organização econômica brasileira e a EdC: reflexões à luz do artigo 170 da Constituição Brasileira**

Orientador: Prof. Antônio Raimundo Barros de Carvalho

A Constituição Brasileira é constituída por normas e princípios que descrevem o dever-ser do Estado. A Constituição do Brasil, promulgada em 1988, introduziu um capítulo especial dedicado à estrutura da organização econômica e no artigo 170 são definidos os seus objetivos e princípios inspiradores.

Este deve assegurar a cada pessoa uma existência digna, e tender a uma justiça social. Os constituintes descrevem um modelo capitalista mas pressupõe instrumentos para a sua "humanização".

A atual economia mundial tende a mostrar índices de crescimento contrapostos a uma gradual degradação social, demonstrada pelo elevado nível de pobreza que, inclusive no Brasil, contradiz o propósito de "dignidade humana". Neste contexto o projeto de Economia de Comunhão na liberdade, aqui surgido em 1991, é uma proposta de um novo agir em economia, baseado na partilha e na solidariedade. As empresas que aderem ao projeto introduzem a solidariedade como critério inclusive na produção, consideram a pessoa humana como centro da atividade econômica e dividem os lucros para finalidades que tendem à justiça social. Hoje mais de 700 empresas, em todo o mundo, participam do projeto, numa experiência que já oferece respostas concretas.

O estudo foi desenvolvido com a finalidade de verificar a consonância entre as propostas da EdC e as expectativas das Constituição brasileira com relação à ordenação econômica e conclui que, ainda que não seja a única alternativa possível, o novo caminho de ação econômica proposto responde em maneira mais do que satisfatória ao Artigo 170 da Constituição da República.

Tita Marleide Feitosa Santos

e-mail: feitosa@yahoo.com.br

Diploma em Comunicação Social e Relações Públicas
Escola Superior de Relações Públicas ESURP

13 de julho de 2006

Língua:
português

Tese: **A contribuição das Relações Públicas na empresas EdC**

Orientador: Prof. Getulio Vergetti

Neste estudo analisa-se qual contribuição as Relações Públicas podem dar às empresas EdC na elaboração de suas estratégias de comunicação, considerando a importância de relevo que assumem nelas as Comunicações Empresariais. Após um exame da literatura sobre o projeto EdC e sobre os últimos desenvolvimentos teóricos das Comunicações Empresariais e das Relações Públicas, a pesquisa foi realizada com visitas in loco e entrevistas, no Brasil com os trabalhadores da empresa FEMAQ, de Piracicaba (SP), e na Itália com os funcionários da empresa ECIE, de Lainate.

O estudo demonstra a grande importância e desenvolvimento da Comunicação Empresarial nas empresas EdC, fator fundamental para a difusão dos aspectos inovadores introduzidos nas empresas com a aplicação dos valores que caracterizam o projeto.

As empresas entrevistadas porém, não demonstram ter criado uma verdadeira estratégia de comunicação e procedimentos operativos que assegurem a manutenção da sua qualidade no tempo: evidencia-se a oportunidade de uma estrutura profissional capaz de acrescer a difusão do patrimônio de experiências já existentes nas empresas EdC, a fim de dar as mesmas uma maior visibilidade.



Waleska Maria de Sousa Barros

e-mail: wmsbarros@bol.com.br

Mestrado em Psicologia Social
Universidade de Fortaleza
22 de setembro de 2006

Língua:
português

Tese: **Economia de Comunhão: novos paradigmas propostos para a organização do trabalho**

Orientador: Prof. José Clerton de Oliveira Martins

A fim de estudar a organização do trabalho no projeto Economia de Comunhão analisam-se as empresas em atividade no Pólo Spartaco, e a aplicação da proposta EdC no território semi-árido do Ceará, por meio do projeto "A nossa cabra".

O estudo é realizado segundo os ditames da Escola Dejouriana e dos antropólogos contemporâneos Da Matta e Darcy Ribeiro, baseados sobre o "sofrimento psicológico", que permitem avaliar a validade dos aspectos perseguidos atualmente nas organizações EdC.

Tratando-se de um estudo qualitativo utilizou-se uma metodologia com critérios antropológicos e etnográficos, recolhendo dados e efetuando a observação direta.

Os indicadores emersos da análise dos dados revelam a potencialidade da EdC de evidenciar o sofrimento psicológico das organizações derivadas de sua cultura e modelo administrativo. Do confronto com a EdC e a sua ética evidencia-se que uma organização fundada sobre normas rígidas não é a melhor solução para a realização humana no trabalho.



Cristina Botti de Souza

e-mail: crisbotti@gmail.com

Mestrado em Economia
Universidade Estadual de Londrina
26 de outubro de 2006

Língua:
português

Tese: **Governo, Responsabilidade Social e a contribuição da EdC e os limites de uma economia sustentável**

Orientador: Prof. Marcia Regina Gabardo da Camara

Foram estudados os instrumentos e motivações do governo e do mundo produtivo brasileiro sobre o tema da salvaguarda ambiental, iniciando com um olhar sobre a literatura neoclássica e aos estudos críticos sobre a economia sustentável. Em base a seus documentos oficiais analisou-se o comportamento ambiental do governo brasileiro e utilizaram-se outras fontes, relacionadas às técnicas empresariais de controle da degradação ambiental, à Responsabilidade Social, à Economia de Comunhão e a um modelo de massa crítica para a cooperação.

O estudo conclui que em todos esses âmbitos evidencia-se uma crescente atenção à proteção ambiental, que surge a partir de uma mudança de hábitos e valores, não apenas nos indivíduos mas também no mundo produtivo.

Ética, cooperação e diálogo emergem como principais características de uma economia sustentável. Confirmando a importância dos valores, as empresas que assumem a Responsabilidade Social ou os princípios da EdC, são consideradas modelos a serem imitados a fim de contribuir para uma economia sustentável.



EDC TRA AMERICA LATINA ED ITALIA

Armando Tortelli

I quindici anni del Progetto EdC sono stati festeggiati nel congresso brasiliano di giugno nella cittadella del Movimento presso San Paolo, presenti 506 fra imprenditori (tra cui diciotto argentini), studiosi e studenti. Erano presenti i responsabili dei due poli produttivi brasiliani e di quello argentino, del centro studi Filadelfia e delle associazioni EdC del Brasile e dell'Argentina: dalla profonda unità tra queste diverse realtà, sostenute dall'invito di Chiara "Pregare come angeli e lavorare come facchini", sono nate nuove collaborazioni ed un rinnovato slancio nello sviluppo dell'EdC nel quotidiano delle aziende: alla fine del congresso avevano aderito al progetto EdC nove nuove aziende, ed era nato l'impegno a far nascere le prime tre aziende del Polo del Nord Est, basato sull'offerta di know how e messa a disposizione di capitali da parte di imprenditori del Centro e Sud del Brasile.

Nel corso del congresso si sono tenute le assemblee della Espri S/A del polo Spartaco e dell'Associazione Nazionale EdC, e momenti di esposizione di lavori accademici.

Nella Expo delle aziende organizzata durante il congresso, presenti stands di 109 aziende di cui sette argentine ed una statunitense, si creavano opportunità di rapporti commerciali e il progetto di una delegazione di imprenditori alla inaugurazione del Polo Lionello.

OTTOBRE 2006

Armando Tortelli, presidente della Associazione EdC del Brasile ed imprenditore della Prodiel Farmaceutica di Curitiba, responsabile della delegazione, veniva invitato a portare la sua testimonianza nel convegno precedente l'inaugurazione.

La Prodiel è cresciuta in un mercato difficile in pochi anni, da 13 a 180 collaboratori, raggiungendo

un fatturato di 38 milioni di dollari: uno sviluppo fondato oltre che su una forte etica imprenditoriale, sulla importanza sociale dell'impresa, vista come occasione di evangelizzazione, di partecipazione e fioritura umana dei lavoratori.

Se la condivisione del profitto dipendeva dagli azionisti, la vita dell'azienda dipendeva da lavoratori felici di costruire "l'azienda di tutti", non solo un mezzo di sopravvivenza: ogni nuovo posto di lavoro, ogni aumento di fatturato, ogni nuovo rapporto costruito era una testimonianza.

La decisione di aprire una filiale nel polo Spartaco, un assurdo per un imprenditore del Sud, nata dal desiderio di contribuire al suo sviluppo, permetteva all'azienda di rendersi conto di essere in grado di operare in tutti i 27 stati del Brasile e si trasformava in una occasione di forte crescita.

Con l'avvio del polo del Nordest, non essendo possibile aprirvi una filiale Prodiel, nasceva assieme ad imprenditori locali il progetto di una produzione di dolci utilizzando la ricca varietà di frutti tropicali della regione, che si avvierà nel marzo 2007.

INCONTRO CON COOP TOSCANA

Negli ultimi anni si sono moltiplicate le occasioni di cooperazione tra la cittadella di Loppiano e le pubbliche istituzioni, il comune di Incisa Valdarno, la provincia di Firenze e la Regione Toscana ed anche con la più rilevante attività della società civile toscana, la cooperativa di consumo che vanta oltre un milione di soci, la UNICOOP Toscana.

Una collaborazione nata in occasione del suo progetto "Il cuore si scioglie" ultimamente condiviso con il volontariato cattolico, che chiede ai soci COOP risorse per progetti di cooperazione internazionale, di cui alcuni adesso realizzati accanto alla

cittadella del Movimento dei Focolari nella foresta del Camerun, a Fontem.

Incontratisi il progetto EdC e le iniziative UNICOOP a supporto di un modo nuovo di fare economia, è nato il desiderio di collaborare presentando ai soci COOP nei vari supermercati, il progetto EdC ed i prodotti delle sue aziende.

In occasione della inaugurazione del Polo Lionello si è così organizzato un primo incontro tra UNICOOP Toscana, la delegazione latino americana ed il Consorzio "Terre di Loppiano" nato proprio per la commercializzazione di prodotti EdC, con l'idea di attrezzare nei supermercati dei "Corner" in cui si presentare il progetto EdC, offrendo in acquisto prodotti di aziende di varie parti del mondo.



POLO DEL NORD EST DEL BRASILE

In questi ultimi mesi è iniziata la costruzione dei capannoni per le prime tre aziende del nascente polo accanto alla città di Recife. La società Polo Empresarial EdC do Nordeste S/A che lo gestisce, attualmente conta 892 azionisti, 150 dei quali si sono impegnati a continuare a sottoscrivere mensilmente azioni del valore di 50 Reais (circa 18 Euro).

In una lettera agli azionisti essa ha comunicato di avere ormai terminato le opere di sbancaamento per i primi due capannoni, di aver iniziato le fondazioni, il sistema di drenaggio ed acquistato parti prefabbricate: sono già disponibili le forniture esterne di energia elettrica, gas, acqua e drenaggi: le prime tre imprese produrranno dolci, manufatti di polietilene e tessuti.



CARTAS AO DIRETOR

a cura di
**Alberto
Ferrucci**

Maurizia e Marinella

Novilinguists Multimídia é uma sociedade de traduções especializada no setor técnico, informático e médico. Foi fundada em 1977 quando entrevistamos, na Internet, um instrumento de comunicação e um campo de trabalho muito promissor. Os primeiros anos de atividade foram intensos, porque tratou-se de colocar à prova o nosso relacionamento, ao mesmo tempo profissional e de amizade. Gradualmente conseguimos conquistar a estima dos nossos colaboradores externos, cerca de trinta pessoas, e dos clientes, que se sentiram acolhidos por nós de modo especial.

Os germes do amor mútuo começaram a colocar suas raízes alguns anos atrás. Nós não conhecíamos o Movimento dos Focolares, mas desde os primeiros anos de atividade procurávamos acolher com uma palavra de conforto o fornecedor que sofria a perda de um ente querido, direcionar trabalho para um outro que naquele momento podia ter necessidade, alegrar-nos junto com clientes ou fornecedores por um matrimônio ou um novo nascimento.

Nestes anos, embora sem conhecer o projeto da Economia de Comunhão, procuramos aplicar a lógica da repartição dos lucros ajudando o Sermig, de Ernesto Olivero, com a tradução para o inglês do site Web da instituição e contribuimos para as despesas da Casa Fratte Jacopa, confiada às irmãs Alcantarinas, de Assis, que acolhe numerosos jovens. Por uma iniciativa própria procuramos ajudar alguns jovens romenos na regularização de seus documentos de identidade.

Tudo isso demonstra como o Evangelho está inscrito no coração de cada homem, porque, sem o saber, procurávamos viver a unidade, ainda que na nossa jovem e pequena medida. Em



2004 conhecemos o Movimento dos Focolares, graças a uma pessoa conhecida, em Assis, e logo fomos contagiadas pela idéia de que empresários, como nós, pudessem construir uma atividade econômica baseada na comunhão, colocando como alicerce o amor recíproco e a livre distribuição dos lucros a favor de quem necessita ou que vive um momento de dificuldade.

Logo procuramos conhecer testemunhos e ler livros que nos ajudassem a compreender se o caminho que percorremos até agora nos conduzia realmente para a EdC, e aos poucos estamos dando os passos necessários a fim de nos orientar ao projeto. Procuramos nos aproximar das instituições com transparência, regularizamos o nosso quadro de dependentes e começamos a falar abertamente sobre o nosso modo de agir a clientes e fornecedores.

Com esta carta temos a alegria de nos apresentar às empresas EdC como potenciais fornecedores, porque hoje, crescendo no espírito da unidade, o nosso desejo é criar novas oportunidades de ocupação para os jovens, e “robustecer-nos” como empresa, para que possamos contribuir com os nossos lucros e difundir a cultura do dar e do amor recíproco no nosso ambiente de trabalho.

O nosso Core Business é a tradução de software. Já traduzimos toda a linha Symantec, o sistema operacional Linux Suse,

scanner/câmeras fotográficas Kodak, impressoras Cânon, o site Web da Google, os produtos General Electric, os manuais de utilização de maquinários de controle numérico e máquinas, utensílios, fichas técnicas, manuais de uso de instrumental médico, comunicados de imprensa, balanços e relatórios financeiros. Os nossos conhecimentos lingüísticos compreendem as principais línguas européias e outras ainda, sob pedido.

Recentemente começamos a ministrar cursos de formação lingüística para executivos que buscam integrar o aprendizado tradicional com um mais apto a torná-los autônomos nas suas exigências de comunicação com partner e clientes.

Naquilo que nos é possível desejamos nos colocar na escuta, desde já, e esperamos em breve poder colaborar com as outras empresas EdC na edificação de um mundo econômico mais humanizado, no qual o amor de Jesus regule plenamente as relações humanas e profissionais.

**Maurizia Gregorio e
Marinella Merlo**

(Email: info@novilinguists.com)

Agradeço pela bonita carta que escreveram, e tenho a satisfação de apresentá-las às empresas EdC, particularmente àquelas que, nos diversos países, operam no setor de traduções, com as quais faço votos possam ser criados relacionamentos de colaboração, tecendo uma rede.



X-NOVO

WEBER

carmensitadesign: Aldo Cusi, 1991
Alessandro Contonieri

Rubinetteria Weber
via Maria F. Boltrami, 11 28014 Maggiore (NO)
tel. +39.0322.870.180 fax +39.0322.874.72
info@webert.it www.webert.it

800-01582

RIDIX

**RAPPRESENTANZE MACCHINE UTENSILI
TECNOLOGIE PER LAVORAZIONI MECCANICHE
ISO 9002 Certificato SQS n.13704**

**Via Indipendenza, 9/F
10095 Grugliasco (TO)
Tel. +39 011.4027511
Fax +39 011.40275290
e-mail: info@ridix.it
www.ridix.it**

PROMETHEUS

Prometheus SpA
Piazza Borgo Pila, 40
16129 Genova
tel. 010/542011-5459820
fax 010/581451
e-mail: info@prometh.it
www.prometh.it

*Consulenze industriali
e progettazione di processo
per i settori petrolifero,
petrolchimico, energetico
ed ambientale.
Sistemi software a supporto
della gestione commerciale
e della produzione petrolifera*



**7 colori nella formazione e nell'organizzazione
per condividere e maturare insieme
scelte profonde di gestione d'impresa**

Via Ronchi Nuova 8/B • 35010 Carmignano di Brenta (PD)
347 11 47 822 • rainbowscore@tele2.it



**Consulenza di direzione e
organizzazione aziendale
Formazione**

www.gmep.it
e-mail: info@gmep.it

**Consorzio di Cooperative
Sociali s.c.r.l.**

**ROBERTO
TASSANO**

info@consorziotassano.it
www.consorziotassano.it



Sede:
Via De Gasperi, 22
Casarza Ligure (GE)
Tel. 0185 485225
Fax 0185 479615

**UNA PRESENZA DI IMPRESE
SOCIALI SUL TERRITORIO**

**L'UOMO E I RAPPORTI
INTERPERSONALI
AL CENTRO DELL'IMPRESA**

*Attenzione alle esigenze,
alla salute allo svago
delle persone anziane
e malate*

COMPARTO A

- * Gestione strutture residenziali e turistiche
- * Residenze protette per anziani
- * Case di cura specializzate in salute mentale
- * Turismo: case ferie e ristorazione

COMPARTO B

- * Settore Produttivo
- * Lavorazioni varie per conto terzi
- * Assemblaggi semplici e complessi
- * Confezionamento e assemblaggi vari
- * Cuciture e confezionamento tessuti tecnici

*L'attività lavorativa come
mezzo propedeutico
per la socializzazione,
la riabilitazione,
la crescita personale*

COMPARTO C

- * Servizi territoriali
- * Gestione mense scolastiche
- * Animazione per tutte le età
- * Assistenza domiciliare ad anziani e disabili
- * Spazzamento strade
- * Progettazione e manutenzione aree verdi
- * Formazione, Progettazione e Sviluppo